PADRE SENNA FREITAS

AUTOPSIA

DA

VELHICE DO PADRE ETERNO

NOVA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1888

AUTOPSIA

DA

VELHICE DO PADRE ETERNO

PADRE SENNA FREITAS

AUTOPSIA

DA

VELHICE DO PADRE ETERNO

— I —

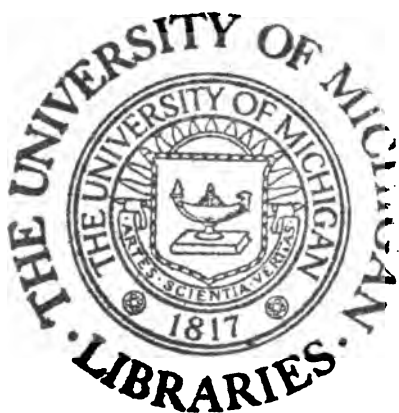
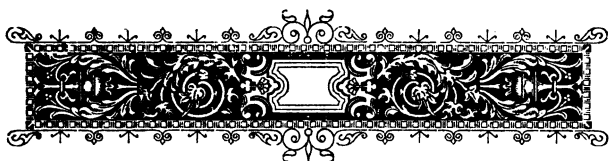
NOVA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1888

Aos infectados do Microbio

«JUNQUEIRO»

Off.

O Auctor.

EM CONVERSA

Estava eu de morada no Porto, quando Ernesto Chardron, que por mais d'uma vez foi meu editor, me disse, n'um d'esses cavacos quasi diarios e não raramente intimos que commigo tratava, na sua Livraria Internacional, aos Clerigos: — «Não sabe? Guerra Junqueiro acaba de propôr-me para lhe editar um novo poema, *A Morte de Jehovah*. Pensei e... respondi-lhe negativamente. Escrevi isto ao Camillo e elle não desgostou da resposta.» — Tambem eu approvei a resolução de Chardron,

não, bem entendido, porque receasse que o canhonaço do general Guerra fôsse tão certeiro e mortifero que baleasse, matasse de vez Jehovah e me obrigasse a tres annos, pelo menos, de crepe no chapéo; mas porque logo presumi — nem era difficil presumil-o — que, em harmonia com aquelle titulo, o poema não podia deixar de ser uma blasphemia ridicula e uma farçada mais ou menos extensa, só propria para pejar o braçado de livros inuteis ou maus que cahem annualmente dos prelos portuguezes nos balcões dos livreiros nacionaes e brazileiros.

Ernesto Chardron era n'aquelle tempo o unico editor atiradiço que tinhamos em Portugal, e — faça-se-lhe justiça — foi elle por igual o que acabou por uma vez no meu paiz com os pânicos editoriaes dos nossos livreiros apathicos de cabotagem que, em geral, não passavam além das edições pacatas e magras. Portanto, disse entre mim: «Não corre perigo que outro editor publique o poema e temos um escandalo de menos.» Achei uma graça infinita ao projecto de deicidio de Guerra Junqueiro, e de tal não fallámos mais.

Rodaram annos, muitos annos de então para cá. De longe em longe chegava-me aos ouvidos, em ar de reboada surda e confusa, que estava a sahir á luz um novo poema do auctor da *Morte de D. João*. A noticia, por não

confirmada pela realidade, ia a pouco e pouco resvalando ao *canard* do rebate falso, e abria um certo sorriso de incredulidade no publico criterioso que fluctua entre a Havaneza e a livraria Silva do Rocio. «Ora!... — ruminava o tal publico — o Guerra importa-se lá mais com mortes de D. João e de Jehovah! Casou com a filha d'um cocheiro de Vianna do Castello e casou bem. Remetteu-se á vida honesta e positiva de Sancho, regada pelo excellente *rôxo* de Gatão, e não se mette mais em quixotadas de estrangulador de Lovelaces nem de Divindades...»

No entretanto é certo que a curiosidade e a avidez publicas recresciam sempre, ateadas pelas primeiras e vivissimas chispas d'aquella incúde onde elle bateu, por vezes com o vigor e a segurança d'um braço cyclopico, os raios d'onde se formaram as terriveis imprecações da *Morte de D. João*. (N'esse poema, dil-o-hei mais abaixo, ha coisas pessimas e coisas soberbas).

Até que afinal as cem bocas e boquinhas da imprensa annunciaram o apparecimento, não da *Morte* mas da *Velhice do Padre Eterno*. O poeta, examinando mais d'espaço e com maior tino medico o aspecto symptomatico do seu Eterno, descobriu que elle ainda não estava morto, e que não era uma certidão d'obito

porém de senilidade que convinha passar-lhe. Ah! se todos os medicos-mortuarios o imitassem não seriam enterrados tantos vivos como o têm sido!

Mas não ha nada n'este mundo em que os prós não sejam descontados pelos contras. Respira-se em Poços de Caldas [1] um ar sêcco, oxygenado, purissimo, que se desprende do pulmão herculeo d'estes pinheiraes onde se alojam as sombras profundas, e que guarda, como um elixir vital, a enorme urna lapidea d'estas montanhas, dependuradas a mil e duzentos metros acima do nivel do mar. Porém a taes alturas só chega por tarde o echo da chronica urbana e a ultima novidade do mercado litterario. Filhos do ultimo quartel do seculo XIX, o vapor diminuiu extremamente para nós a extensão da actualidade, e a locomotiva ainda não veio por ora sacudir sobre a serra caldense a sua juba de vapor de hulha, negra como o horror da tempestade, mas grandiosa e solemne como o progresso.

Resigno-me com o facto. E até ás vezes dou o parabem á minha sorte. O ar das eminencias é purissimo, justamente porque lá não chegam os miasmas putridos das cidades, for-

---

[1] Onde o auctor tem estado a banhos.

PADRE SENNA FREITAS

AUTOPSIA

DA

VELHICE DO PADRE ETERNO

— I —

NOVA EDIÇÃO

PORTO
Livraria Internacional de Ernesto Chardron
Casa editora
LUGAN & GENELIOUX, SUCCESSORES
1888

pilherias indigestas e das pacholices ultra-voltaireanas de que o lardeou Guerra Junqueiro. Esperava-se o melhor quilate do ouro da *Morte de D. João,* passado tres e quatro vezes na batéa; o minerio pouco mais deu que fezes.

A decepção vingou-se do lôgro pelo desprezo. A *Velhice* envelheceu em pouco mais de dois mezes. Cahiram-lhe os dentes antes do tempo em que principiam a nascer ás crianças. A critica depressa cançou [1]. Enkistou-se sob a fórma d'uma indifferença absoluta, como tendo comprehendido que, se o Padre Eterno está provecto, Junqueiro attingiu a decrepitude que se equivoca com uma segunda infancia. Precocidade de calvicie e alquebramento n'um poeta que não dobou ainda sequer os seus quarenta annos! Interromper, portanto, semelhante concerto de silencio é talvez menos discreto. Que tenho eu com o reino dos mortos? Não será mais acertado deixar jazer em paz o cadaver da *Velhice* costas com costas com as *Blasphemias* de Richepin no mesmo carneiro? De todos os officios o que me causa mais repugnancia e dó é o dos carroceiros, porque a cada passo manipulam escorias. Imital-os parece uma formal contradicção para quem vive,

---

[1] No Brazil principalmente.

como eu, em uma aldeia onde o acido phenico se vende ainda bastante caro. Porém é que houve e ha, por entre a chusma dos sensatos, uns bons rapazelhos pennugentos e uns estouvadinhos alijados de criterio que enguliram sem pestanejar e até saborearam, desde a primeira até á ultima, as *gentilezas* de Guerra Junqueiro, achando uma graça immensa ás suas visagens simianas de Gavroche e ás suas evoluções derreadas de *clown* de borracha. Ora, eu sempre tive um fraco d'affeição pela mocidade, a bella mocidade generosa, tumida de alegria e de esperança! A vêr se esta apreciação lhes serve de emetico da *Velhice*... Além de que — para que occultal-o? — não quero que Junqueiro e o publico infiram, pelo mutismo do clero em presença da chuva de farpas com que o frechou o poeta, que a classe ecclesiastica pertence á familia dos pachydermes e entronca no genero *rhinoceros*.

Por ultimo, se ainda é tempo, seja-me levado á conta d'uma acção boa o operar a córnea condemnada de Junqueiro, e fazer cessar a candidez da sua ignorancia sobre muita coisa da Igreja a dentro. Por isso dou as ensanchas d'um pequeno livro ao que, a ser mera resposta, não podia tomar mais que uma columna de jornal.

Não se escandalisem os meus caros colle-

gas e os bons catholicos se aqui e além fôrem topando, através d'este opusculo, com uma phraseologia e uns laivos de erudição talvez profanos de mais. *Elles* têm-nos a nós, padres catholicos, por uns larraguistas de lei, que em erudição scientifica não vão além da *Theologia* do bispo Monte e da tarifa dos enterros, com uns complementos de luxo ácerca da côr das azinhas dos seraphins.

Deixem-me os meus amigos mostrar a esses meliantes que lhes conheço as manhas e o vasconço; deixem-me provar-lhes que lá onde o mal semeou uma semente de morte, um germen de podridão, desde as insanidades de Rabelais e de Boccacio e dos sophismas de Volney e de Voltaire até ás prestidigitações de Jacolliot e ás lubricidades sordidissimas de Zola, ahi velou o meu olhar sem pejo nem escrupulo, para que a minha mão pudesse fincar um marco na estrada — como o sertanejo brazileiro enterra um ramo d'arvore no meio do brejo traidor — e bradar aos incautos: «Passai de largo!»

I

Considerações geraes

A critica devia por ora calar-se muito bem calada sobre a apparição da *Velhice do Padre Eterno,* se désse ouvidos á advertencia do seu auctor, em a *Nota* que fecha o livro. Diz aquelle: «Publíco hoje o primeiro «volume da *Velhice*... O segundo, já «na imprensa, sahirá á luz com «brevidade. No primeiro predomina «a satyra, no segundo a epopeia. Os «dois completam-se. A critica, só reunidos, os «poderá julgar inteiramente.» Julgal-os como synthese d'um plano, seja. Mas o poema de

Junqueiro póde, em todo o caso, ser apreciado em si mesmo, como se aprecia a idéa e a fórma d'um periodo grammatical que constitue um sentido independente, a não ser que Junqueiro tivesse deixado a *Velhice* suspensa, como um alinhavo de paletot, do cabide d'uma virgula. Além d'isto, póde-se muito bem fazer desde já a critica do alludido poema como reflexo do caracter do auctor, da sua probidade, da sua elevação moral e como attestado publico de não ter *bebido chá em criança*, nem mesmo depois em Coimbra, nem em Vianna.

Dizem que o chá relaxa o estomago. Pois deixal-o! Mas é decididamente... um elemento de civilisação. O provinciano *caldo verde*, ôlha genuina da couve gallega, é succulento, mas torna grossa a crôsta da educação e produz eructações do mais soez plebeismo. Emfim, o valor litterario do poema é inteiramente independente dos que tiverem de se lhe seguir e póde ser julgado por si.

Illudir-se-hia quem pensasse que eu, engulhado pela rodilha-poema de Guerra Junqueiro, reprove *in globo* todas as suas verrinas acerbas. Não amo a immunidade para ninguem e muito menos para o clero. Quero que haja sempre uma *opposição da extrema esquerda* para nós como para os governos constitucionaes. Se nos dispensassem uma indulgen-

cia excessiva, no seio da paz beatifica de que gozariamos formar-se-hia a estagnação putrida onde incubam as emanações que empestam os povos.

É incontestavel que a Igreja, embora divina na sua instituição e organisação, compõe-se de homens que podem ser tanto ou mais frageis e viciosos que os outros homens, tanto ou mais ignorantes que aquelles a quem têm missão de ensinar.

E tem havido d'estes homens desde o seculo primeiro da nossa era até ao presente. O assombro da religião catholica é precisamente de não haver baqueado, escorada ás vezes sobre columnas do peor cerne, carcomido vorazmente pelo gusano de vicios hediondos.

Fulminem-se os vicios, denunciem-se desapiedadamente mas veridicamente os abusos, condemnem-se as hypocrisias, estigmatisem-se as praxes irrisorias com que pios ineptos têm pretendido de tarde em tarde afeiar a magestosa e sublime simplicidade do culto christão. Não serei eu que de tal me queixe ou que tema essas criticas sangrentas, porque almejo vivamente o advento do dia em que o catholicismo irrompa e transmonte, puro de todos os cadilhos que lhe tem addicionado, de todas as sombras com que o tem entenebrecido a credulidade ou a superstição popular e, por vezes

tambem, a ignorancia ou a ambição ecclesiastica. Este ideal, porém, nunca chegará a ser uma perfeita realidade, porque a mão do homem, ainda votado a Deus, nunca é tão pura que não inquine o que toca, mesmo quando seja o linho alvissimo do altar e a patena do sacrificio.

Se, portanto, os estigmas do poeta portuguez não ultrapassassem a esphera que os abusos lhe traçavam e se manejasse uma phrase decente, embora mais cortante que uma lamina de Toledo, calar-me-hia pensativo e até talvez contente. Mas o crime litterario do poeta foi o de ter identificado a aberração com o principio, o christianismo, tão grande e civilisador, com as superfetações repellentes que á sombra d'elle têm conseguido medrar, o dogma respeitavel com o homem desprezivel; foi, digo, o de ter envenenado adrede o que era inocuo, para sobre esse veneno de laboratorio gosmar o liquido da sua penna corrosiva; foi o de ter infamado e calumniado sem sombra de consciencia (veja-se o que affirmou do grande cardeal Antonelli e do nuncio Masella), para desfechar a farpa hervada contra suppostos flagicios de creação sua e poder assim projectar sobre a face do catholicismo todo o odioso que reverte das ignominias dos seus ministros; foi principalmente o de ter ousado fallar,

em estylo de bohemio de guitarra e cangirão, das crenças mais sagradas que seus compatriotas veneram, sem exceptuar a pessoa immensamente amavel de Jesus, que insulta boçalmente através do labio polluto de Voltaire, mas com uma linguagem que espantaria a mesma facecia blasphema de Voltaire.

Verdade, verdade: é tal a volupia de hediondez em que se compraz o auctor da *Velhice do Padre Eterno,* é tão profundo o cynismo que poreja de todas ou quasi todas as suas poesias de *cantina,* tão desengonçados os seus saltos de polichinello tripudiando sobre o pavimento do templo, que eu preciso de todo o comedimento que me impõe o meu caracter de sacerdote e a minha dignidade de homem para lhe não imprimir sobre a epiderme o carimbo da adjectivação que lhe conviria. No simples thermometro do bom tom e á sombra, o termo que a *Velhice* marca é chocarrice de mau gosto; ao sol marca... outra coisa, para exprimir a qual eu carecera da penna immunda com que foi escripto o poema.

Se eu fôsse poeta, contrastaria a esse pasquim rimado á eterna juventude do Christo através dos seculos, vivendo e triumphando na Igreja (não obstante as sombras d'esta) em meio das absurdas superstições do paganismo,

da obcecação do rabinismo e do interminavel kaleidoscopio das seitas protestantes. A um João doze defrontar-lhe-hia um Leão Magno, um Damaso, um Gregorio setimo, um Xisto primeiro, um Bento quatorze, um Leão treze. A padres como Gregorio da Revolução franceza, como Fauchet, Roux, José Lebon, frei Pantaleão, o cura Santa Cruz ou como o lendario bernardo da «tremenda» e das rôscas taurinas, poderia contrapôr-lhes uma constellação enorme de illustrações que a virtude e a sciencia disputam entre si, desde Vicente de Paulo que foi *uma mãe* e do padre l'Épée que soltou a lingua dos infelizes surdos-mudos até Lacordaire que foi a maior eloquencia da França contemporanea e ao padre Secchi, o mais poderoso telescopio que no seculo XIX observou a immensidade do espaço estrellado.

Se o auctor da *Velhice* vive nos antipodas do catholicismo e nem seria capaz de responder á primeira pergunta da *Cartilha christã*, como póde conhecer o catholicismo para atacal-o? Só lhe chega aos ouvidos o echo longinquo dos escandalos e dos abusos sacerdotaes, porque o bem pouco ou nada rumoreja e o edificio da Igreja, como todos os edificios, só estala ao fazer brecha. Por um Leverger que assassinou o arcebispo de Paris dar-lhe-hia um D. Bosco, a quem ouso sem receio chamar

o homem mais benemerito da Italia contemporanea, um Beirão, o padre popular de Lisboa, que fez penetrar nos hospitaes de Portugal a solicitude maternal da *irmã hospitaleira,* antes substituida pela indifferença e dureza de mercenarios apaniguados. Contra as aberrações dos tempos inquisitoriaes, as quaes sou o primeiro a condemnar, e as hecatombes de huguenotes, que repulsa altamente o meu senso christão e a minha alma formada ao contacto da mão suavissima de Jesus Christo, vingaria eu a grandeza do christianismo que fez da caridade uma organisação social, que arrancou as letras e as sciencias á conflagração destruidora da Idade-Média toda votada á guerra, e que é hoje, em pleno seculo XIX e na pessoa do Papa, o unico poder que tem a coragem de dizer a verdade aos chefes dos estados quando se desmandam, ao passo que esses mesmos estados, aliás dissidentes em crenças religiosas, o escolhem para arbitro de seus conflictos com outros estados.

Guerra Junqueiro julga, no seu infallivel veredicto, que o christianismo está *velho* e que morrerá amanhã com a *Morte de Jehovah!* Queres, leitor, um symptoma positivo d'este definhamento por elle observado? As fallas do throno continuam a ser um dos acontecimentos telluricos mais banaes que se conhecem,

tendo apenas o merito de fornecer ás linguas um novo proverbio: «Futil como uma falla do throno.» O velho inerme do Vaticano publíca uma encyclica e para logo os telegrammas annunciam-n'a e resumem-n'a, os jornaes traduzem-n'a, a imprensa commenta-a largamente, tornando-se por muito tempo o thema em torno do qual se debatem as opiniões encontradas dos periodiqueiros.

Mas é que Guerra Junqueiro é estrabico. Elle só vê e só sabe estereotypar os Falstaffs, os Shiloks e os Lovelaces de sotaina que vegetam por ahi n'alguma terreola do seu Minho e apodrecem a fazer o mal, talvez pelo modo por que o poeta lh'o ensinou na *Morte de D. João.* O seu catholicismo é um catholicismo nojento, reproducção estafadissima dos *quolibets* da força dos do auctor do *Hyssope* e infra. Causa-me até certa surpreza que houvesse tão parca originalidade em Guerra Junqueiro, talento aliás bem distincto, que viesse para o publico ruminar em esplendidos alexandrinos, e em quadrinhas bem cadenciadas a graçola hoje fossil dos sonetos de Bocage ou do *Monge de Cister* de Herculano sobre a obesidade fradesca d'um cura d'aldeia ou sobre os chavelhos de Beelzebuth a estriparem reprobos nas caldeiras de Pero Botelho. Isso actualmente é rançoso. O antigo *espirito* portuguez, dos

tempos do *Governo do mundo em sêcco* de Silverio Silvestre da Silveira e Silva, espirito que para rir precisava de arreganhar a boca até ás orelhas e de ir por força bolir em materias vedadas á hygiene do nariz, esse espirito não se tolera hoje; e o snr. Junqueiro, manejando-o com tanta proficiencia, desperdiça provas de que pertence por direito de nascença áquella provincia de Portugal onde menos se conhece o uso da agua e a utilidade da limpeza.

Forçoso é confessal-o: se a primeira palavra da versalhada do poeta (que é o titulo geral d'ella) pouco ou nada diz como definição ou synthese de sua producção poetica, a ultima define-a perfeitamente. A ultima palavra é é esta: «podridão». Ella encastoava ás mil maravilhas todo aquelle acervo de tabidos detritos d'um engenho profundamente derrancado, onde a custo se poderá tamisar uma ou duas poesias d'uma locução tersa, d'uma idéa sensata, verdadeira, comedida, nobre. Tudo mais é violento de cynismo e armado como qualquer rêde para caçar a ave assás facil do escandalo. Vê-se a cada instante que o auctor teve um curso completo das larachas pantagruelicas de Rabelais, e que Baudelaire lhe é tão familiar na impudencia da phraseologia sensual como a famosa Hakerman, n'aquelle

sôpro adusto de scepticismo e n'aquellas crepitações de vociferar blasphemo e mofador que se entrechocam em todo o poema como o delirio tempestuoso d'um espirito enfermo. Rebentam-lhe idéas e termos d'entre os bicos da penna que parecem bolsar como um jacto de vermes d'uma postema operada; encontram-se affirmações audazes d'uma deslealdade consciente, que punge e revolta.

Quem diria que é este o mesmo Junqueiro que, não muitos annos atraz, exprobrava a Julio d'Andrade, na carta-prefacio das *Caricaturas em prosa* d'este litterato de pé pequeno, o estylo pandego e chocarreiro em que elle invectivava as doutrinas e as crenças do catholicismo? Então dirigia-lhe pouco mais ou menos isto: «Meu Julio Verim (pseudonymo «do auctor das *Caricaturas*): já lá vai o tem- «po da facecia de Voltaire. Os dogmas e as «crenças religiosas do christianismo, ainda «quando não passem de symbolos, são symbo- «los de *coisas respeitaveis.*» *Medice, cura te ipsum.* O censor, contra as leis do evolucionismo, desandou com os annos em vez de progredir.

Ora, toda esta explosão de cóleras de taverna em cincoenta poesias, que Guerra Junqueiro caracterisa de «cincoenta balas d'artilheria» e que eu caracteriso de cincoenta pas-

quins de esquina, deve ter uma explicação, e tem-n'a. Examinemol-a um pouco.

Se o poeta-artilheiro de Vianna do Castello exventrou o eterno aleijão da *Velhice*, não é porque não pudesse produzir melhor e muito melhor. Não lhe falta talento, sobra-lhe para dar um grande poeta, d'esses que sobrevivem ao naufragio das celebridades de rodapé de jornal ou do *Almanach de Lembranças*. Seria irrisorio que eu negasse inspiração genial ao auctor da *Tragedia infantil* e da *Fome no Ceará*. Seria indigno do meu caracter o pretender cercear-lhe o merito, quando me alvoróço todo de jubilo ao reconhecer as glorias do meu paiz. Guerra Junqueiro tem rimado coisas dignas de Shakspeare e de Espronceda. Pertence incontestavelmente á familia parnasiana e possue em alto grau o *sacrum numen* do estro. Ha versos seus que souberam transportar-me, como uma grande parte da «Introducção» da *Morte de D. João*, e o buril da sua phrase tem o raro merecimento de cavar ás vezes até á carne viva da realidade concreta das coisas.

Se estas linhas lhe passarem um dia por baixo dos olhos, não dirá que me cegou a inveja. Vou mais além. Descubro através da direcção falsissima da sua educação litteraria e postiça symptomas que accusam um coração que podia ser assás bom para tornar-se o ad-

vogado de todas as fraquezas impotentes [1]; e todo o esforço envidado por Guerra Junqueiro para *se caracterisar* á guisa d'um *gamin* de mau humor e ruins entranhas que atira pedradas á fé de sua mãe, não sortiu ainda extinguir totalmente em mim a sympathia e o deslumbramento que provoca sempre no meu espirito o dom precioso do engenho, onde quer que o descortine.

Mas por tudo isto, tanto mais para verberar e deplorar é a louca fascinação que lhe faz trocar a região do condor pelo tremedal, e o sangue hematosado do homem são e vigoroso pela escrofula disforme do lymphatico. Abuso gravissimo do talento, profanação desgraçada do estro, que é divino! Podia rugir ou cantar e antes quer coaxar no charco arregaçando a boca, ou antes o rictus batracio do sapo nojento. Porque será? Causas complexas o explicam. Primeiro: o seu temperamento intellectual, se assim posso exprimir-me. Guerra Junqueiro em quasi todas as suas poesias tem manifestado o mesmo pendor para o excentrico, para o gongorico, e em não poucas para a verrina esbrugada de toda a pellicula da de-

---

[1] Allusão ás suas bellas poesias em defeza da infancia, como a do «Mestre-escóla», se a memoria me não falha no titulo.

cencia e do decoro. Já em Coimbra (segundo ouvi dizer em tempo) tiroteava com Gonçalves Crespo em versos que José Daniel ou Bocage assignariam, mas não Garrett nem Thomaz Ribeiro. N'essa época tinha para indultal-o o doidejar proprio da mocidade e da mocidade... academica.

Além d'isto o estylo é o homem, aphorismo que não deixa de ser rigorosamente verdadeiro por muito redíto. O poeta que hoje passa attestado de velho a Deus, teve, sem erro de calculo, uma juventude airada e febrilmente votada ao erotismo. Não lhe coube nem penso e ainda menos desejo que lhe caiba a morte de «D. João», mas viveu soffrivelmente a vida de D. João. O estylo, já o disse, revela o escriptor, exactamente como um reagente a presença do metalloide, e Guerra Junqueiro não seria tão fecundo nas descripções e nos quadros desenvoltos se não estivesse cheio do seu assumpto e não retratasse com côres de casa. A certeza de mão, o naturalismo flagrante, a minuciosidade estatistica, se assim se póde dizer, com que pinta a grande bacchanal do bordel na *Morte de D. João* é feita *d'après nature*. Tendo bebido outr'ora, como uma esponja avida, a giria academica e zingarrista da vida *alegre* e da comedia humana no que ella tem de menos aromatico, espremeu a esponja a valer na

sua primeira epopeia. Como visse que houve quem gostou do electuario, torna agora a espremel-a até á ultima gota de pús, na impagavel *Velhice do Padre Eterno*. É uma depravação do gosto, como a de comer terra ou assafetida.

Porém o que explica principalmente a apparição d'aquelle producto embryonario é a época em que viu a luz publica. Quem o ignora? A época é de descrença total e de realismo. Sacudir o jugo de todos os dogmas christãos e zombetear d'elles com a maxima semceremonia é tão moda como viajar em caminho de ferro ou remetter um telegramma. Denuncía immediatamente um espirito livre e cultissimo que a respeito do Infinito e da Eternidade crê... na hygiene e nos globulos de quassina. Richepin tornou-se ultimamente famoso em França no genero da incredulidade e da blasphemia. Este louco furioso do Parnaso barafustou que nem um possesso n'uma pia d'agua benta, exaltou-se até ao *delirium tremens* da raiva no seu poema das *Blasphemias*, desfechando contra o céo todas as settas hervadas da sua aljava, ou, antes, fartou-se de esfaquear os ares a grandes golpes de navalha catalã. Horrivel! Fez do firmamento uma gemonia e alastrou de cadaveres o reino da bemaventurança. Obrigou a Divindade a abdicar

e acabou por uma vez com o sobrenatural. Desceu em seguida á terra, ebrio da sua façanha titanica como o Rodamonte de Orlando dos seus heroismos de mata-mouros, e annunciou aos homens a paz d'ora em diante imperturbavel no seio olympico do deus-materia. Ora, Guerra Junqueiro ficou com inveja a Richepin. Elle jurou ser o Richepin portuguez. É evidente que essa preoccupação domina toda a *Velhice do Padre Eterno.* Muitas vezes a idéa e até a phrâse se homológa com a do metrificador francez. Guerra Junqueiro protestou fazer-nos presente d'um frasco de podridão e cumpriu-o. Zorrilla não tinha realmente razão quando definiu todo o poeta:

. . . el poeta en su mision
Sobre la tierra que habita
Es una planta maldita
Con frutos de bendicion.

Com fructos de benção?!

Não, nem sempre.

Não é que elle não creia em Deus e na immortalidade da alma. Apresso-me a dizer que reconhece ou affirma reconhecer no seu poema estes dois factos da ordem metaphysica. São as duas unicas verdades que salvou do naufragio em que se afundiram todas as suas

crenças christãs, se algum dia as chegou a ter.

S. s.ª declinou-nos honradamente a sua profissão de fé e nós ficámos sabendo que ella cabe á vontade na unha do seu dedo minimo. É theista. Mais vale isso do que ser atheu. Pela minha parte congratulo-o e congratulo-me de que, ao menos n'esse ponto, Junqueiro não se tenha deshumanisado completamente. De resto, faltaria um traço de ar de familia á musa do poeta que soffre de pesàdêlos victorhugueanos, se não crêsse em Deus e n'uma vida futura. A *Velhice* estava a desovar do prelo quando o vate dá *Legenda dos Seculos* descia ao tumulo, proclamando a sua fé no Infinito. Cumpria ao discipulo que lhe levantasse bem depressa duas paredes no meio dos escombros da *Velhice*, que guardassem e repetissem o echo d'esse brado final do mestre. Assim, Junqueiro, amigo da harmonia como todos os poetas, faz côro a Hugo, cantando:

> Ó crentes, como vós, no intimo do peito
> Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
> O horisonte é infinito e o olhar humano é estreito:
> Creio que Deus é eterno e que a alma é immortal.

Mas importa acrescentar que o Deus de Guerra Junqueiro não é um Deus independen-

te ou *sui juris;* permanece debaixo da sua inspecção policial. Ao Deus do nosso Hugo reduzido não é licito fallar, nem attrahir a si o homem pelo vinculo d'uma religião, nem formular um culto, muito menos ser infinito e, por conseguinte, incomprehensivel á mente humana que n'elle reconhece, conforme a bella expressão de Flammarion, o sêr *innominado.* Não, senhores. Guerra Junqueiro, que é pequenino, muito pequenino de estatura, tão pequenino como a decima millionesima parte do quarto do meridiano terrestre, embirra com quem é mais alto do que elle e, portanto, não consente que Deus seja incommensuravel á força de ser grande. Aliás a religião teria dogmas, o que elle prohibe expressamente nas suas decretaes coercitivas para uso da humanidade:

Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
Exhumemos a fé d'esse montão de escombros,
Desentulhemos Deus d'essa alluvião d'areia.

E o estouvadinho não vê que Deus e a alma humana são dois *dogmas,* assim da fé como da razão!...

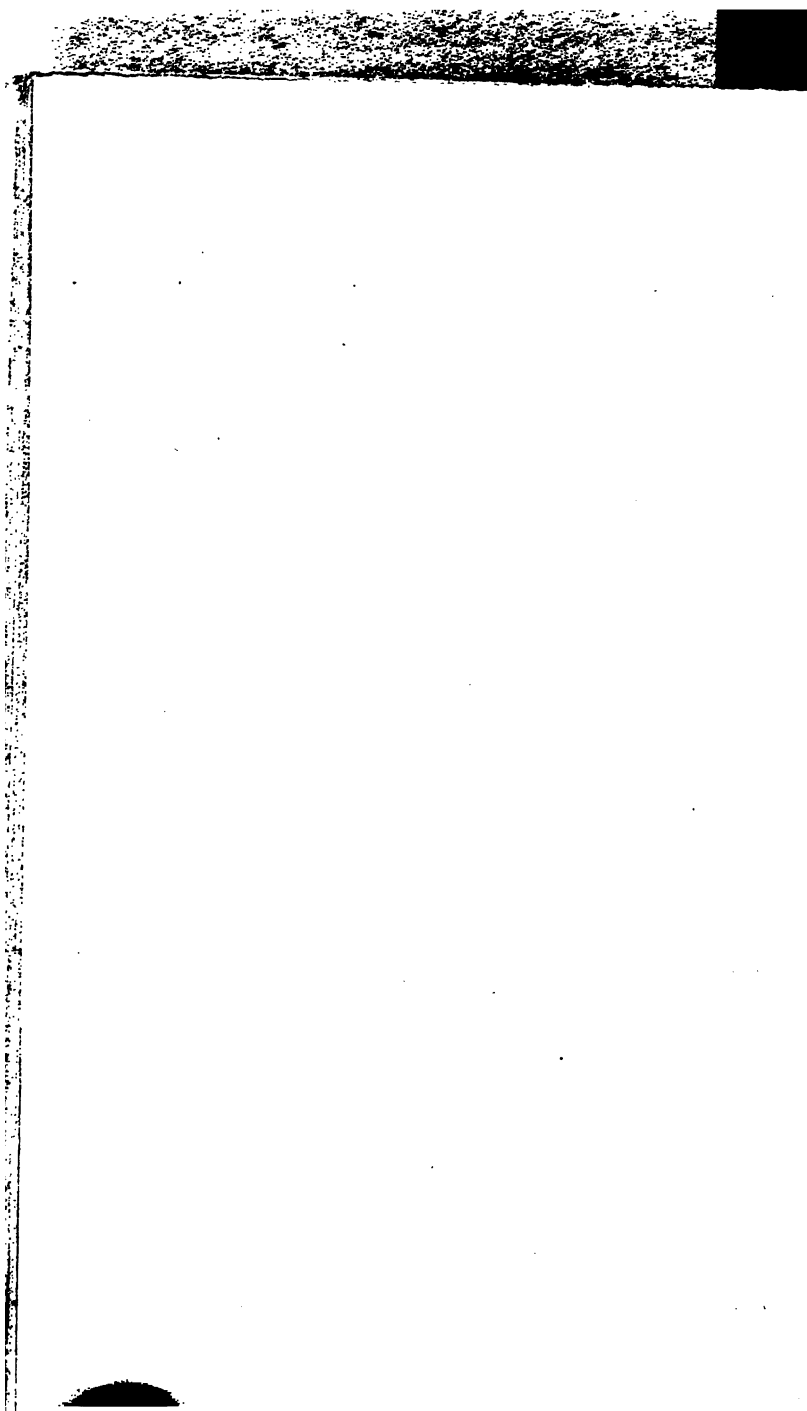
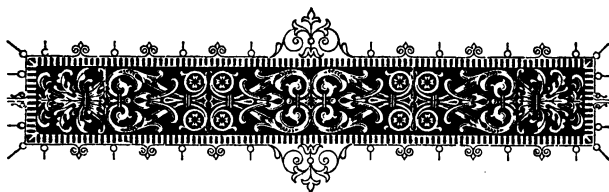
Sobre tudo mais que o christianismo ensina, Junqueiro faz mão baixa sem dó nem pie-

dade. Papas, concilios, santos, documentos biblicos, sacramentos, tudo é passado por elle ao fio da espada. Chegado ao fim do poema, descança alegre do terrivel morticinio, depõe o alfange dos heroes, purpurado por essa lympha rubra que assenta melhor a uma lamina que o diamante á corôa d'um rei, enxuga a testa onde o suor faz perolas, ruminando comsigo: «O catholicismo matei-o, *fuit Ilion illa magna*, agora resta-me desacorrentar Prometheu. Feito isto, a razão e a fé reunir-se-hão finalmente n'uma paz luminosa, n'uma communhão indestructivel.» Immortal benemerito! O Pantheon já te alçou o pedestal que espera impaciente a tua estatua. E dizer que Guerra Junqueiro, Messias definitivo da humanidade, só viesse ao mundo «libertar Prometheu» seis ou sete mil annos depois d'este ter sido acorrentado e entregue ao abutre feroz de todos os combates, de todas as dôres e de todas as oppressões moraes! Não se diria que o relogio da Providencia anda por vezes bem atrazado?

E eis aqui por que processo um poeta que podia ser sério e respeitado como Lamartine se torna repellente como Baudelaire, e de que maneira um engenho que era capaz de forçar o aplauso publico consegue ser ridiculo.

Mas é que a grande questão era armar á celebridade ruidosa, fôsse lá como fôsse. Para

ste fim, Erostrato queimou o templo de Diaa, Alcibiades cortou a cauda ao seu cão, Caliostro aviava elixires, Guerra dejeccionou a *elhice.*

De considerações geraes basta e sobra. É mpo de descer á analyse do poema.

II

Rapido estudo analytico do poema

Poema, digo? Não se lhe póde propriamente applicar esta designação. A *Velhice* não é o que se chama um poema no sentido didactico da expressão, isto é, «uma producção poetica de extensão consideravel», conforme o define Larousse. Não tem unidade, não tem objectivo dominante. É uma collecção de cincoenta poesias sobre assumptos independentes entre si, das quaes algumas, como a da «Benção da locomotiva», já foram anteriormente publicadas em jornal e encontraram

agora uma collocação apropriada em um livro de velhices.

O nexo unico que as liga é o odio commum que todas denunciam contra a Igreja de Jesus Christo e o Sêr Supremo por ella adorado. O alvo do auctor, segundo se deprehende do titulo da obra, foi evidenciar que Jehovah está velho e revelho e nas vesperas de exhalar o derradeiro hausto. Porque? Imaginem os leitores, se são capazes. Dêem tractos á intelligencia e, esgotada ella, invoquem a *folle du logis* de Pascal [1], a vêr se acertam. Ainda assim desconfio que o não conseguirão. Jehovah está velho e moribundo, porque no olhar de Antonelli havia

> . . . Nero a murmurar nas sombras com Locusta

e

> O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade.
>
> *Velhice* — ANTONELLI.

porque o abbade (ou vigario) de... Cascos de Rolhas é

> . . . beberrão. Casca-lhe muito e bem.
> Lá pinga como a d'elle isso ninguem n'a tem.
>
> *Idem* — A SÉSTA.

---

[1] Todos se recordam que é este o nome que elle dava á imaginação.

porque vós, ó jesuitas, discipulos de Machiavel,

> . . . . sois d'um faro tão astuto,
> Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
> Que é incrivel até que o filho de Maria
> Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
> Andando ha tanto tempo em tão má *companhia.*
>
> *Idem* — CALEMBOUR.

porque

> O pobre missionario, o inutil manequim
> . . . . nos préga a bemaventurança
> A murros de missal e a roncos de latim.
>
> *Idem* — COMO SE FAZ UM MONSTRO.

porque

> Se a agua [de Lourdes] faz milagre, o que eu vos não [discuto,
> E por isso a adoraes,
> Ajoelhemos então em face do bismutho
> E d'outras drogas mais.
>
> *Idem* — AGUA DE LOURDES.

porque nas procissões catholicas

> Os anjos theatraes caminham lentamente
> Com azas de galão feitas expressamente
> Nas lojas de Pariz.
> Pobres anjos do céo! querem martyrisal-os:
> Vão cheios de suor e apertam-lhes os callos
> As botas de verniz.
>
> *Idem* — A SEMANA SANTA.

porque em sexta-feira de Endoenças

> Lá vai o prégador dizer a sermonata.
> Tossiu, cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata
> E começa a fallar. Tem uns bonitos dentes.
> E com gesto facundo e voz amaneirada
> Recita uma enfiada
> De tropos excellentes.
>
> *Idem* — IDEM.

E por ahi fóra n'este bello gosto. Percebeste, leitor? Tal como Esganarello no *Medico á força* de Molière dizia dogmaticamente ao pai da supposta enferma:

> « *Quisper, quiper potarinum*
> *Aldobrandus flos cabrinum*, etc.,

e ahi tem vossê a razão porque a menina está muda. »

Não é melhor a logica de Guerra Junqueiro; tal o calibre da sua balistica. É por esta fórma brilhante e concludente, é repotreado no espaldar solidissimo d'estes autos de processo que elle pronuncía e annuncia *urbi et orbi*, do alto do seu veredicto indefectivel, que... que... Jehovah já aveza pés de gallinha nas fontes como qualquer de nós outros, simples mortaes, e não possue nem mais um dente a servir de testemunha de tempos melhores.

Ora, é patente que na penna do poeta da *Velhice* Jehovah, Padre Eterno e catholicismo são termos synonymos. Mas que têm de commum os abusos, as aberrações, os ridiculos, os crimes mesmo dos ministros da religião catholica com essa religião nos seus principios, nos seus fundamentos, nos seus dogmas? Em que é que as superstições ou as crendices dos fieis menos esclarecidos podem attingir a alma do christianismo e a existencia do Deus da Biblia? Só se por um d'esses processos tão mysteriosos como a metamorphose do *vitellus* do ovo n'um ente organisado...

Não: o homem é o homem e a idéa é a idéa. Aquelle corrompe-se, deprava-se e morre, porque é homem, esta subsiste pura e immortal, porque é essencialmente verdadeira e no seu ser intangivel paira inaccessivel á decomposição. Ha mil e oitocentos annos que se reproduzem a maior parte dos ridiculos e dos abusos indigitados e acoimados por Junqueiro na sua *Velhice do Padre Eterno,* e este eterno perdura e o christianismo persevera de pé como a pyramide oriental, mais impenetravel que o escudo de Achilles aos venabulos infinitamente multiplicados dos seus antagonistas. Existem sombras, existem, sim, não poucos senões na religião catholica que mais ou menos maculam o esplendor da sua *face humana,*

porque a *divina*, que não é outra senão o revérbero da face divina do Christo, é mais immaculada que o sol.

Esses senões desagradam-me a mim tanto ou mais que a Junqueiro, esbirro officioso da Igreja; mas aponte-me elle uma só instituição humana ou, por outra, uma só sociedade composta da massa de que se fazem os Junqueiros, onde se não observe impresso o vinco mais ou menos fundo da imperfeição e, não raro, da depravação alterando a pureza da idéa ou projectando sobre ella uma certa sombra opprobriosa, sem poder, todavia, contaminal-a nem expungil-a. Não vejo motivo para que, em se tratando do catholicismo, desappareça como por encanto o bom-senso que admitte plenamente a verdade da reflexão acima exhibida.

Porém, Guerra Junqueiro muito de sobrepensado engloba nos seus sarcasmos e nas suas cóleras o homem com a instituição e o abuso com o dogma. Entra-me de chapéo enterrado na cabeça no templo catholico e, com o mesmo desplante com que chasqueia, supponhamos, do conego portador do mais monumental abdomen da cidade ou da velha nonagenaria que cabeceia de somno sobre umas classicas camandulas de que a sua frouxidão nervosa faz chocalhos, com o mesmo des-

plante gosma toda a sua golfada de baba sobre o assombroso hexameron de Moysés, sobre a resurreição do Christo e sobre o sacramento do baptismo, por elle expressamente instituido.

Venha cá, snr. Guerra Junqueiro. Não se esquive ao ferro em braza d'uma analyse severa, mas justissima, pela tangente das liberdades communs—*poetis atque pictoribus.* Trata-se aqui d'uma questão de honra e de sanidade mental. O seu rancor entranhado ao catholicismo, que nunca lhe fez outro mal a não ser o de o ter baptisado para lhe dar direito a ser tanto como qualquer portuguez e o de o ter casado *bem* pelo ministerio do dr. Ayres de Gouveia, então bispo eleito do Algarve, para que este sobredourasse com o seu titulo prelaticio a solemnidade do acto religioso (ainda então o Padre Eterno não tinha envelhecido...), o seu rancor, digo, ao catholicismo deu-lhe visceras de Torquemada, fazendo-lhe perder as mais elementares noções de senso commum. Sua mãe, meu Junqueiro, foi catholica, e tão piedosa foi ella que a recordação da prece infantil que, entre joelhos e sorrisos, ensinava ao filho então balbuciante, restitue hoje a este momentaneamente as vibrações d'um coração crente e grato e o obriga a dizer na propria *Velhice do Padre Eterno:*

> Minha mãe, minha mãe! ai que saudade immensa
> Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti!
>
> Aos simples.

Como não sentiu o poeta uma especie de remorso lancinante em insultar, homem, as crenças christãs de sua mãe que, em pequeno, lhe irradiaram de pureza e innocencia confessas os primeiros passos da vida? E para que é que a longa e sordida blasphemia da *Velhice* profana e conspurca aquella mão materna que

> Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
> Como junto d'um leão um sorriso divino?
>
> Idem.

Esse christianismo tradicional, evangelico, unico real sobre o qual o versejador sacudiu a gargalhada burguezissima e rimada d'um Gargantua contemporaneo, e que pretendeu tisnar com as oxydações do seu estylete tão grosseiro como o do auctor da *Besta esfolada* ou o de Cyrano de Bergerac, tem sido a religião não unicamente dos «simples», como elle diz, dos bons velhos camponezes de calção e abarcas, que a receberam de seus avós na fórma summaria do *Credo* e a transmittiram aos filhos como um livro respeitado a que nunca abriram as folhas; a fé das creanças, que ainda não pensam, ou dos decrepitos, que cessa-

ram de pensar; porém mesmamente a religião d'uma parte dos mais abalisados genios de que se gloría a humanidade desde o berço da era vulgar. N'ella viveram e morreram (sem remontar muito alto) Bacon e Newton, Euler e Kepler, Pascal e Leibnitz, Bossuet e Fénelon, Balmes e Donoso Cortés, Lacordaire e Fraissinous, Wiseman e Ventura de Raulica, Secchi e Mancini, Taparelli e Moigno, Claude Bernard e Le Verrier, Gratry e Dupanloup.

Esse christianismo, não architectado pelos poetas de luares e idealismos bucolicos, senão dogmatico-apostolico, tendo por centro a séde de S. Pedro, é o que reconhecem ainda *actualmente* espiritos tão descommunaes pela intelligencia e illustração como são Monsabré e Didon, Freppel e Augusto Nicolau em França, Canovas del Castillo e Menendes Pelayo, Camara e Fidel-Fitta em Hespanha, Hœttinger e Alzog, Reusch e Dœllinger (mau grado algumas divergencias) na Allemanha, Mivart e Newman, Manning e Mallok na Inglaterra, Ferrari e Cesar Cantu na Italia [1], Mac-Dowel,

---

[1] Seria uma lacuna imperdoavel omittir os nomes dos pa[d]res italianos Ferrari, já designado pelo honroso qualificativo de [d]igno successor de Secchi, Foligny, o mathematico eminente, [B]ollig, um dos primeiros orientalistas do mundo. Todos tres [p]ertencem á Companhia de Jesus.

Ferreira Vianna e Gomes de Castro no ir
rio brazileiro, Mendes Leal, conde de Sa
dães, D. Antonio da Costa em Portugal,
etc., em comparação dos quaes o snr. Junq
ro, apesar de Junqueiro, não passa d'um ju
flexivel defrontado com o roble ou o bao
Não se offenda. Prézo o seu talento (no me
nivel em que o deploro), mas s. s.ª é um]
ta e d'isso não passa. Se padrão humano]
ser julgado competente para aferir a mage
de ou a inanidade d'uma religião, darei s
pre á égide argolica de Minerva a preferei
sobre a lyra de Apollo.

Em que producção se nos revela poi
auctor da *Tragedia infantil* um homem
sciencia ou simplesmente uma notavel ill
tração? Qual a sua auctoridade ou onde es
esses largos annos de reflexão, de estudo th
gonico das religiões indianas, dos cultos r
thicos da America autochthone, dos fetichisı
africanos e maximamente da theologia chri
para pronunciar a pena ultima de todos
cultos e dirimir em suprema instancia entr
Deus da theophania biblica, do avatar evan
lico e o da sua *razão* poetica? Mais *nosce*
ipsum, meu cavalleiro da capa preta!

Pois, apesar de tudo isto, o snr. Gue
Junqueiro não recúa perante o baldão affr
tosissimo de cuspir, sim, de expectorar tod

nuco puriforme do seu bronchio esphacelado sobre as crenças d'esses illustres da sciencia, sobre a face de todos os seus compatriotas que com aquelles vivem em perfeita communhão de idéas religiosas e, o que é vil e injusto até ao extremo, sobre a propria face da Igreja catholica, d'esta Igreja que, sem embargo de todas as manchas que o auctor da *Velhice* descobre n'ella com o seu olhar *purissimo* e a sua consciencia ainda mais pura, é a mãe antiga da civilisação de que goza e de que gozamos em pleno seculo XIX. Nega-o? Negue-o e remettel-o-hei a Guizot e a Cantu, a Cousin e a Macauley, se os tem na sua estante. O progresso europeu e extra-europeu deriva do christianismo biblico como a flôr do pedunculo que a sustenta.

Nós somos os filhos da nova e culminante civilisação que o berço bethlemitano inaugurou e que a lousa do tumulo de Maspha sellou, como um facto consummado. Vinguem a verdade d'este asserto todos os paizes sobre os quaes não jorra ainda o clarão enorme d'essa constellação evangelica do cruzeiro, nobilitado para os seculos pelo contacto divino de Jesus. O snr. Junqueiro não teve pudor de verter sobre a sociedade dezenove vezes secular que tem por nome — CATHOLICISMO — (á qual o mesmo insuspeitissimo Comte votou as menções

honrosas da admiração) todo o fel da sua vesicula biliaria. Em nome de que princípio, meu diplomado em direito? Do princípio do *neminem lœde?* Do *quod tibi fieri nonvis alteri ne facias?* Em nome do principio do respeito, da tolerancia, da TOLERANCIA?!... Ah! apostolos fementidos! E sois vós os pregoeiros metrificados das grandes idéas da Revolução franceza, que invocaes a cada passo e que consagrou por todo o sempre a fraternidade e o respeito da personalidade alheia? Cobri a face, para que a sua sombra vos não fulmine na sua passagem triumphante e esplendorosa através dos povos modernos [1].

Eu descubro-me respeitoso onde ant'ólho uma convicção séria, mas para as mascaradas dos que convertem a imprensa n'um soalheiro ou n'um varadouro de Masaniellos, onde não se pejam de fabricar com os raios da aurora formosissima da liberdade christã, que nos illumina, um feixe de látegos de lama para flagellar e conspuír com elle todos quantos não genuflectem perante os seus idolos ou os seus delirios, sem poupar sequer as instituições

---

[1] Sei todo o mal que fez a Revolução franceza, mas nunca fecharei os olhos aos formidaveis abusos que fez cessar, bem como ás enormes modificações favoraveis que trouxe á existencia social dos estados. N'este ponto estou em boa companhia.

consagradas pelas cans dos tempos e pela auréola dos serviços prestados; para esses, confesso-o, não sei ter a resignação christã que a tudo faz ouvidos de mercador, senão a indignação que me arma o braço para agarral-os bem pelo hombro antes que tenham tempo de evadir-se, e dizer-lhes de frente, alto, com todas as syllabas, perante o paiz que os ouviu nauseado: «Vós sois uns infames, que profanaes o sacerdocio augusto da imprensa e fazeis da lingua, este vaso tão nobre do pensamento, um esgoto de espurcicias. Fóra, fóra da scena!»

Socega, Junqueiro; amas, como uma mulher perdida, a obscenidade e a immundicie: d'ellas te ficará para sempre impregnada a mão que escreveu *aquelle* poema. Lady Macbeth não terá mais razão para dizer que tu: «Ha sempre n'estas mãos um cheiro infecto... que todos os perfumes da Arabia não sortiriam fazer desapparecer.» Esfrega-as convulsivamente como a esposa criminosa do Tane de Cawdor. Inutil. «Sae, noda maldita! Como assim!? Não serei pois capaz de limpar esta nodoa!?» (Shakspeare — *Macbeth*). Não o serás por teu mal, quando mesmo um dia te rehabilitasses. O teu poema só te trouxe uma vantagem, foi poupar-te um incommodo. Nenhum homem sério te apertará a mão.

*
* *

Para que algum leitor não entenda acaso que eu me demasiei no rigor da minha apreciação, permitta elle lhe submetta algumas amostra dos *mimosos* e *perfumados* madrigaes do auctor criticado. Poucas serão ellas, e desde já peço desculpa de ousar tanto.

Eis aqui como Guerra se exprime sobre o baptismo ou sobre o sacramento da iniciação christã, em cuja agua lustral todos os que fallam a lingua portugueza foram mergulhados, e que foi expressamente instituido por Jesus Christo:

> Baptisaes: arrancaes d'um anjo um satanaz.
> Desinfectaes Ariel banhando-o em agua-raz
> De igreja e no latim que um malandro expectora.
> . . . .
> E ao rouxinol dizeis: — pede a bençāo da c'ruja.
> Daes os lirios em flôr ao rol da roupa suja.
>
> O Baptismo.

Imagina que Voltaire irrompe um dia do tumulo, aborrecido de tanto dormir, e que convida o Homem-Deus para fazer com elle uma ronda através da Igreja catholica. As phrases que Arouet dirige ao Redemptor pela penna do

auctor da *Velhice* são tão asquerosas, que o famoso encyclopedista, apesar do muito que escreveu contra o christianismo, nunca teve nem nunca teria o desafôro de as exarar. Era descendente d'uma nobre familia do Poitou, que tomava chá ou coisa equivalente. O immenso espirito de Voltaire tisnava muitas vezes mas nunca enlameava, se exceptuarmos a *Pucella.* Citemos algumas das ditas phrases:

> Anda, [Jesus] veste a farpella. Agora, sim, senhor!
> Muito grutesco és, meu pobre Redemptor!
> Vaes a comprometter-me, ó alma do Diabo!
> Que figura infeliz, inteiramente chata!
> Pelo menos corrige o laço da gravata
> E põe na *boutonnière* este jasmim do Cabo.
> Necessitas de ser. . . . .
> . . . .
> Um deus *petit-crevé,* um deus á *Benoiton.*
>
> Se ámanhã por acaso alguem, medita n'isto,
> Te fosse apresentar: — Sua Exc.ª o Christo —
> . . . .
> Oh escandalo! oh farça! oh Padre-Omnipotente!

A SEMANA SANTA.

No decurso da poesia chama a Christo «um bruto». Pede-lhe que «namore», promette-lhe que ha de ser nomeado «barão dos Evangelhos». Aperta com elle para que vão juntos

ao «lupanar». É de mais! A mão recusa-se a proseguir na transcripção de semelhantes abominações, dirigidas ao Justo. Mas... prosigamos ainda:

> Ceiemos. Manda vir as coisas que preferes;
> E que nos vão buscar duas ou tres mulheres,
> Que as ha perto d'aqui:
> O mais, pede por boca, ó meu divino mestre.
> . . . .
> E agora é destampar a rubra phantasia!
> Bebe, pragueja, ri, inventa, calumnía,
> Anda! mostra que tens espirito, ladrão!
> . . . .
>
> IDEM.

E este crocodilo lagrimante simula por vezes toda a linguagem da ternura e da commoção ao fallar do Christo! Chama-lhe «o santo», «o sol moral», adjectiva de «sereno», de «profundo o seu olhar», desenha a «linha virginal do seu perfil suave». Quem não pensa aqui no osculo de Judas? Eu desafio Guerra Junqueiro a apresentar-me uma razão aceitavel que o justifique de ter escolhido Voltaire para lhe pôr na boca aquellas execraveis blasphemias contra a pessoa adoravel do Redemptor quando, para attingir o seu alvo de declarar «velho o Padre Eterno» ou de atacar o catholicismo actual, não lhe era necessario

esbofetear segunda vez, por mão mais polluta que a do soldado pretoriano, a face sagrada do amigo dos amigos da humanidade. O publico sensato que julgue entre mim e Guerra Junqueiro.

Custa a crêr o que este diz sobre o Deus da Biblia.

Em certo dia Deus

> Teve uma idéa suja, uma idéa infeliz:
> Pôz-se a esgaravatar co'o dedo no nariz,
> Tirou d'esse nariz o que um nariz encerra,
> Deitou isso depois cá baixo, e fez-se a terra.
> . . . .
> E furioso escarrou no mundo sublunar,
> E a saliva ao cahir na terra fez o mar.

O GENESIS.

Mais:

> Essa latrina de Pandora,
> Pensando bem, é afinal
> A escarradeira onde expectora
> Jehovah a bilis immortal.
>
> Como elle é velho, com o frio
> Tosse, e Prudhomme diz-lhe então:
> — Deus, aqui tens este bacio...
> Não vás cuspir no meu salão.
>
> E ás vezes do alto do infinito,
> Talvez depois d'um mau jantar,
> . . . .
> . . . .

A VALLA COMMUM.

*

Indecentissimo! Não ha concluir a transcripção. Perdão, perdão, leitor. Estou justificado aos teus olhos das tagantadas conscienciosas e téstas com que avergoei o costado de Junqueiro. Eu fecho sem mais demora esta sentina onde só se delicía a pituita da sua musa sordida, e proponho para que Junqueiro seja nomeado pela camara de Lisboa (onde não é muita a hygiene) director em chefe d'uma companhia d'esgotos. Tanto mais que me consta ter sido já lavrado o decreto em que Apollo o expulsou definitivamente do Parnaso e o condemnou ao modesto supplicio de lavar, nas aguas do Lima [1], por espaço de tres mezes consecutivos, a lyra divina que polluiu.

O leitor acaba de tragar uma amostra das jogralidades impias de *estoiradinho* de ponta de cigarro, que Voltaire dispara a Jesus pelos bicos da penna de Esterquilinio encabeçado em vate. Não posso amar o auctor do *Ensaio sobre os costumes e o espirito das nações*, a despeito dos seus generosos *fatums* em favor de Donato Calas, de Sirven e outras victimas de erros judiciarios. Voltaire mentiu e odiou com excesso; invectivou cobardemente o meu maior amor, o Christo. Mas defenderei aqui

---

[1] O rio que passa em Vianna, onde o poeta reside.

Voltaire; elle nunca assim tratou o filho de Maria. Aquellas graçolas de estroina *tomado* (veja-se Aulete) nunca as proferiu. Insisto na affirmação. Respeitou-o ao menos como homem, embora pretendesse, com a malha larga da sua critica vesguissima, cortinar o nimbo divino do Redemptor, sol intensissimo de luz que doura a nuvem que julga encobril-o. Esconda-se Junqueiro por detraz de Voltaire para insultar Jesus, nós sabemos que a saliva que lhe espadanou a face golfou do auctor da *Velhice.*

No seu *Diccionario philosophico,* Voltaire começa o capitulo sobre o «Christianismo» por estas palavras: «Guarde-nos Deus de mesclar «aqui o *sagrado* com o profano! Nós não son-«damos os caminhos da Providencia! Homens, «fallamos só a homens.» Que diz no seu opusculo intitulado *Deus e os homens,* capitulo 33? Ouçamos: «Jesus não merecia o seu supplicio. «Quê! Nós lamentariamos João Huss, Jerony-«mo de Praga, o arcebispo Cranmer, Dubourt, «Servet, etc., e não lamentariamos Jesus! Elle «não é auctor de nenhuma doutrina de perse-«guição e intolerancia.» No capitulo 34, dizendo dos costumes do Salvador, escreve o seguinte: «Não se adquire este dominio sobre os «espiritos [dos discipulos] sem talentos e sem «bons costumes. É força que o homem se torne

«respeitavel áquelles que quer conduzir... Es-
«crevam o que quizerem, era necessario que
«elle tivesse actividade, força, mansidão, tem-
«perança, bons costumes.» Sob pena de contra-
dizer-se com outras passagens de escriptos
seus, Voltaire não tem mão na penna que não
rompa n'esta explosão de justo encomio a Je-
sus Christo: «Morreu victima da inveja. Se
«ouso comparar o sagrado com o profano e
«um DEUS COM UM HOMEM, a sua morte,
«humanamente fallando, tem muita relação
«com a de Socrates. Socrates podia evitar a
«morte e não o quiz, Jesus offereceu-se volun-
«tariamente a ella.» (Tratado sobre a Toleran-
cia, cap. 14). A famosa *Encyclopedia*, de que
Mr. d'Arouet era a alma e o director, no arti-
go «Jesus-Christo» chama-lhe Filho de Deus,
«e elle proprio Deus, o Messias predicto pelos
«prophetas, mediador entre Deus e os homens.»

Lavre lá mais um tento, meu novo Ovidio
Nasão das metamorphoses, e não me desfigure
mais Voltaire do que este se desfigurou.

*

* *

Disse eu acima que o alvo a que apontava
o carrasco de «D. João» era abocanhar e pul-

verisar o Deus da Biblia, o Deus dos christãos.

É isto verdade e não é. Porque o Jehovah de Junqueiro ora é, ora deixa completamente de ser o nosso Deus. Destaca-se bem a prumo este contrasenso entre os não raros que sobrelevam no poema. Quasi sempre o poetastro acerta de adulterar a natureza do Jehovah biblico e do verdadeiro Padre Eterno. Não nos mettem medo palavras. Não temos pejo algum de denominar Deus — Padre Eterno. Não declinamos o qualificativo, orgulhamo'-nos d'elle. Que tem lá que seja archaico ou obsoleto o termo para os litteratiços da hora presente e para os sequazes das religiões que estão ainda a fazer-se? Padre é o equipollente de Pae, Eterno é o synonymo d'uma existencia sem principio nem limite. Pae é o tratamento que Jesus Christo nos ensinou a dar a Deus, Eterno é o attributo immanente e inauferivel da Divindade. A unificação da paternidade com a divindade é uma concepção sublime e sobrehumana que só por si bastaria para pedra de toque da religião que entre todas occupa o primado por titulo de nobreza, ao passo que testemunha esta verdade injustamente contestada, de que Deus para nós não é um tyranno, se tambem não é uma estatua inerte que se possa insultar á vontade. Ora,

muitas vezes o Padre Eterno de Guerra Junqueiro transforma-se ou, antes, desfigura-se totalmente debaixo da sua penna desleal, para tornar-se uma creação caricata da lavra do metrificador.

Para assestar contra elle toda a sua balistica de papel, para internar-lhe bem na carne as suas garras de harpia, mais repellente que a virgiliana, Junqueiro não teve remedio senão fazer do Jehovah judaico, mosaico, christão, um Jehovah de phantasia truanesca, recortado á tesoura, em parte, das lendas irrisorias de Budha, de Odin e de Siva. Fêl-o sem pestanejar. Haja vista a sua poesia sobre o «Genesis».

Todos sabem, engano-me, muitos sabem que o Genesis é o primeiro livro do Pentateuco de Moysés, e portanto o mais antigo livro do mundo na prioridade da sua existencia historica. A assombrosa antiguidade da bibliologia indiana é perfeitamente fabulosa. Ninguem hoje se illude a este respeito, depois que o profundo indianista Klaproth chegou á conclusão, baseada, de que a chronologia e a historia *certa* dos povos brahmanicos não remonta além do seculo XII da nossa era. Moysés, pois, o proto-historiador reconhecido dos tempos mais remotos, narra n'essa linguagem

singela e grandiosa ao par com a natureza, n'essa linguagem que punha a estupefacção no espirito de Linneu e Cuvier, que Jehovah tirou o mundo do nada por um acto simples da sua omnipotente bondade; e que procedendo em uma escala ascendente ou em uma evolução progressiva, dos sêres menos complexos e perfeitos para os mais complexos, do mineral á cellula e da cellula ao homem, consummára a epopeia deslumbrante da creação no cyclo de seis dias ou épocas. Esta narração harmonisa-se de todo o ponto com a sciencia hodierna nas suas mais adiantadas e fecundas conclusões, consoante affirmaram Ampère, Constantin James, Reusch, Moigno, etc., que ousaram desafiar a sciencia moderna a provar-lhes uma antinomia formal entre a cosmogonia, a geologia, a biologia contemporanea e a Biblia. Eu mesmo atrever-me-hia, não obstante os meus modestissimos conhecimentos, a fazer semelhante desafio, depois de ter levado quinze annos quasi exclusivamente votados ao estudo comparativo do hexameron genetico com os dados actuaes da sciencia.

Em vista d'isso é que affirmo que o Jehovah de Junqueiro é um Jehovah comico, calumniado, absolutamente antinomico com o da Biblia e, portanto, com o nosso.

Faça o leitor a acareação dos dois:

«GENESIS» DE JUNQUEIRO

Jehovah, por alcunha antiga — o Padre Eterno,
Deus muitissimo padre e muito pouco eterno,
Teve uma idéa suja, uma idéa infeliz:
Pôz-se a esgaravatar co'o dedo no nariz,
Tirou d'esse nariz o que um nariz encerra,
Deitou isso depois cá baixo, e fez-se a terra.
Em seguida tirou da cabeça o chapéo,
Pôl-o em cima da terra, e zás, formou o céo.
Mas o chapéo azul do Padre-Ommnipotente
Era um velho penante, um penante indecente,
Já muito carcomido e muito esburacado,
E eis aqui porque o céo ficou todo estrellado.
Depois o Creador (honra lhe seja feita!)
Achou a sua obra uma obra imperfeita,
Mundo sarrafaçal, globo de fancaria,

. . . .

E furioso escarrou no mundo sublunar.
E a saliva ao cahir na terra fez o mar.
Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos
Com bullas da cruzada alguns cruzados novos,
E Tartufo pudesse inda d'essa maneira
Jejuar, sem comer de carne á sexta-feira,
Jehovah fez então para a crença devota
A enguia, o bacalhau e a pescada marmota.
Em seguida metteu a mão pelo sovaco,
Mais profundo e maior que a caverna de Caco,
E arrancando de lá parasitas estranhos,
De toda qualidade e todos os tamanhos,
Lançou-os sobre a terra, e d'este modo insonte
Fez elle o megatherio e fez o mastodonte.

. . . .

De citação já basta. Agora perguntarei eu: Que inaudito Genesis é este? Teria porventura sido desentulhado por Junqueiro em alguns velhos escombros preciosos, desconhecidos, lá do Oriente? Quem crê em semelhante Deus? Onde estão os seus fieis? Diga-nol-o, snr. Guerra! Vamos! Por Jupiter diga-nol-o! Mas, não ha samoïeda nem cafre que n'elle creia! Ah! comprehendo. É o seu Padre Eterno de v. s.ª Um deus monstruoso, sahido, ha poucos mezes, das officinas da sua fundição. Póde envelhecer e morrer quando quizer. Pouco nos importa. Isso é lá com o fabricante.

Se estivessemos em Portugal, aceitariamos uma carta de convite para o enterro.

Veja como o *nosso* é diverso, sendo todavia o do «Genesis» genuino.

«GENESIS» DE MOYSÉS

(OU O CAPITULO PRIMEIRO DO BERESITH HEBRAICO)

1. No principio creou Deus o céo e a terra [1].

---

[1] No seculo XIX descobriu um grande sabio, o padre Secchi, a semelhança dos elementos de que se compõem os corpos celestes e a terra.

2. A terra, porém, era vã e vazia [1] e as trevas cobriam a face do abysmo e o espirito de Deus incubava as aguas [2].

3. E disse Deus: Faça-se a luz. E foi feita a luz [3].

4. E viu Deus que a luz era boa, e dividiu a luz das trevas.

5. E chamou á luz dia e ás trevas noite; e da tarde e da manhã se fez o dia primeiro [4].

6. Disse tambem Deus: Faça-se o firmamento no meio das aguas e separe umas aguas das outras aguas.

7. E fez Deus o firmamento, e dividiu as aguas que estavam por baixo do firmamento [5]. E assim se fez.

---

[1] O estado gazoso, igneo, que, segundo o célebre astronomo Laplace, foi o primitivo.

[2] O Infinito incubava o cahos para transformal-o em ordem. Ovidio, Valmiki, auctor de Ramâyâna, mais tarde Euler, Bacon (Francisco) empregaram linguagem semelhante. E concebe-se uma tão sublime? O termo — incubava — não é o da Vulgata, mas é o do original hebraico.

[3] Este texto, acremente atacado pelo espirito incrivelmente superficial e leviano de Voltaire, é hoje plenamente confirmado pela sciencia. É *doutrina assente* na sciencia que a luz *diffusa* precedeu de seculos a luz concentrada dos astros, e que, portanto, o sol não foi a luz primitiva. A formação d'aquelles já suppõe a cessação do estado gazeiforme e de desaggregação.

[4] Dia ou época, porque em hebraico não ha senão uma palavra para exprimir as duas idéas. E deve até prevalecer a segunda, porquanto o sol ainda não existia para marcar os dias.

[5] Allusão á existencia do hydrogenio existente na alta região atmospherica. Moysés, não tendo na lingua em que escre-

8. E chamou Deus ao firmamento céo; e da tarde e da manhã se fez o dia segundo.

9. Disse tambem Deus: As aguas que estão debaixo do céo ajuntem-se n'um mesmo logar e o elemento arido appareça [1]. Assim se fez.

10. E chamou Deus ao elemento arido terra e ao aggregado das aguas mares. E viu Deus que isto era bom.

11. Disse tambem Deus: Brote a terra tambem herva verde que germine, e produza arvores fructiferas que dêem fructo segundo o seu genero, cuja semente esteja n'ellas mesmas sobre a terra [2]. E assim se fez.

12. E produziu a terra herva verde que germinava segundo o seu genero, e arvores que davam fructos, e que tinham semente, cada uma segundo a sua especie. E viu Deus que isto era bom.

---

via o termo *hydrogenio*, empregou o que mais se lhe aproxima, por isso que entra na proporção de 2 para 1 na formação da agua.

[1] O que se harmonisa com as noções geologicas actuaes, que nos fallam das enormes revoluções aquaticas do periodo secundario que deixaram em sêcco os terrenos neptuninos e os terrenos de sedimento.

[2] A formação da natureza inorganica segue-se a da natureza organica, primeiro do vegetal, depois do animal. Este evolucionismo é tão pouco reprovado pela Igreja que é perfeitamente biblico.

13. E da tarde e da manhã se fez o dia terceiro.

14. Disse tambem Deus: Façam-se uns luzeiros no firmamento do céo que dividam o dia e a noite e sirvam de signaes para mostrar os tempos, os dias e os annos [1].

15. Para que luzam no firmamento do céo e illuminem a terra [2]. E assim se fez.

16. Fez Deus pois dois grandes luzeiros, um maior que presidisse ao dia, outro mais pequeno que presidisse á noite, e creou tambem as estrellas.

17. E pôl-as no firmamento do céo para luzirem sobre a terra.

18. E presidirem ao dia e á noite e dividirem a luz das trevas. E viu Deus que isto era bom.

19. E da tarde e da manhã se fez o dia quarto.

20. Disse tambem Deus: Produzam as aguas reptis dotados de vida, e aves que vôem sobre a terra, debaixo do firmamento [3].

---

[1] Sem baralhar a ordem progressiva da creação dos sêres terrestres, Deus interrompe-a um momento pela formação do sol e da lua.

[2] Como centro do nosso systema planetario; não porque a terra tenha preponderancia sobre todos os planetas e astros na ordem da creação firmamentaria.

[3] É verdadeiramente notavel que quanto mais a sciencia

21. E creou Deus os grandes peixes, e todos os animaes que têm vida e movimento, os quaes foram produzidos pelas aguas cada um segundo as suas especies, e todas as aves segundo o seu genero. E viu Deus que isto era bom.

22. E elle os abençoou, dizendo: Crescei e multiplicai-vos, e enchei as aguas do mar e as aves multipliquem-se sobre a terra.

23. E da tarde e da manhã se fez o dia quinto.

24. Disse tambem Deus: Produza a terra animaes viventes, segundo o seu genero; animaes domesticos e bestas da terra, segundo as suas especies [1]. E assim se fez.

---

progride, mais vem dar em tudo e por tudo razão á narração genesiaca do grande historiador. A harmonia sobrecresce sempre, a ponto de ter assombrado a culminante intelligencia do naturalista Cuvier. Os paleontologos confirmam, de facto, pela inspecção da camada jurassica, que os reptis precederam na ordem de sua formação os outros animaes d'uma organisação mais desenvolvida, os mamiferos; assim como confirmam a successão immediata das aves aos saurios. Ou se consulte Milne Edwards ou o ferrenho transformista Nicholson, *Zoology*, elles combinam no mesmo facto paleontologico.

[1] O que está em perfeito accôrdo com os recentes estudos geologicos, que nos mostram os animaes domesticos, e em geral os mamiferos, de grandes ou de pequenas dimensões, nos terrenos myoceno, eoceno e plyoceno da época terciaria, e os restantes que n'esta não apparecem, apparecerem na quaternaria. E uma miseravel semi-sciencia tem pretendido pôr Moysés em opposição com a verdadeira sciencia!

25. E creou Deus as bestas da terra, segundo as suas especies; os animaes domesticos e todos os reptis da terra, cada um segundo o seu genero. E viu Deus que isto era bom.

26. E disse: Façamos o homem á nossa imagem e semelhança [1], o qual presida aos peixes do mar, ás aves do céo, ás bestas e a todos os reptis que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra.

27. E creou Deus o homem á sua imagem: elle o creou á imagem de Deus: macho e femea os creou.

28. Deus os abençoou e disse: Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a, e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do céo, e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra...

---

[1] Moysés, que não tinha tido o fortunão invejavel de conhecer a *Descendencia do homem* de Carlos Darwin, como nós, fal-o descender de Deus e incaudato, como se nos fôsse inutil um enxota-moscas natural para o tempo de verão. Imprimiu no homem um espirito immortal e disse-nos, na sua ignorancia, que esse espirito era uma emanação da Divindade: «Façamos o homem á nossa imagem e semelhança.» Não se dirá ao menos que nos rebaixou. Deu-nos uma origem grandiosa, á qual, francamente, me custa a renunciar. Renunciaria, se a darwiniana fôsse scientifica. Felizmente que a theoria de Darwin não passa, na propria confissão do seu auctor, de «uma hypothese» que, de mais a mais, tende a cahir na quartola do lixo com o horror do vacuo, a immobilidade da terra e a theoria comtesca dos «tres estados», depois dos argumentos irrespondiveis de Quatrefages, de Mivart e de Pesnelle.

31. E viu Deus todas as coisas que tinha feito, e eram muito boas, e da tarde e da manhã se fez o dia sexto.

E então Deus cessou de operar.

Certo, não merecia a pena que eu contrapuzesse ao Genesis de Junqueiro, o unico authentico, isto é, a uma burla uma coisa séria, a uma creação estupida uma creação sublime e não menos sublime no atticismo singelissimo da locução que no desdobramento do quadro da acção divina lançando a luz ao espaço e a vida ao cahos; mas ha uma idiotía que tudo crê, ainda o impossivel, e um fanatismo que tudo applaude, ainda a *Velhice*. Instruil-a e trazel-a ao terreno sereno e solido da verdade é o nosso dever. Instruamos mórmente a Junqueiro, que em questões religiosas é, devéras, um pouco menos illustrado que o sapateiro de Apelles sobre pintura ou que o Voltaire das «conchas de peregrino» e da «figueira sem flôr» o era sobre sciencias naturaes. Não nos dedignemos nem nos corramos de fazer bem a esse desgraçado, que nos calumnía monstruosamente, já por uma insigne má-fé, já em grande parte, creio, por só nos conhecer através dos mythos dos nossos diffamadores de pé fresco.

Eis, pois, o Genesis christão e o Deus do

nosso Genesis! Nada tem elle de commum com esse bonzo sahido (como Pallas do cerebro de Jupiter) dos miolos dessorados de Junqueiro, onde abunda o «monco» e o «caruncho» e as «purulencias» e os «*pulex*» e as «caudas» e os «pêllos» e os «barretes azues» de que se fazem os seus (mas *só* os seus) «padres eternos».

Era forçoso dizer-lhe isto para ficar sabendo por uma vez que ha na sociedade portugueza e hoje brazileira (minha segunda patria) quem proteste energicamente contra a impudencia d'um escriptor que assim se atreve a affrontal-a nas suas crenças e a burlar d'ella, dando-lhe o vomito graveolento da mentira e do calão baixo pelo pão sadio da verdade que ella vai buscar com o seu dinheiro sobre o balcão do editor.

Em outros muitos logares da *Velhice* transparece a má-fé. Tomemos, poi exemplo, a poesia «Resposta ao Syllabus». No escumalho de muitas affirmações arbitrarias, desmentidas pela historia e pelos factos coevos, colherei os seguintes versos contra o clero catholico:

> Bonzos, podeis dizer á humanidade — Pára! —
> . . . .
> Podeis encarcerar dentro da Inquisição
> Galileo; vós podeis, anões, contra os cyclopes
> Roncar latim, zurrar sermões, brandir hyssopes,

Que não conseguireis que a Liberdade vista
A batina pingada e rôta d'um sacrista.

Bonzo, anão e onagro é o clero, cyclope é Guerra & C.ª Outro artigo, como vêem, da sua fabrica de fundição. Que no clero tenha havido bonzos, anões e albinos, inimigos da luz, nem tenho interesse nem mesmo desejo de o negar. Tanto peor para os meus caros collegas a quem o sol incommoda e irrita. Limito-me a sentil-o. De resto, se é bem triste roncar, e muito mais latim, — lingua tão senhoril e formosa! — creia o snr. Junqueiro que existem officios ainda mais deploraveis e, se duvída um instante, pergunte-o ao auctor da *Velhice do Padre Eterno*...

Mas é conhecer muito pouco e muito mal o clero catholico o pintal-o com os traços caracteristicos e burlescos d'um roncador de latim e d'um ornejador de sermões. Torno a dizel-o: umas das coisas mais inverosimeis e comtudo reaes que eu conheço n'este mundo é a ignorancia de Junqueiro sobre tudo que concerne ao catholicismo. A erudição ecclesiastica d'este profano não passa além do *Hyssope* e do *Reinado da estupidez*. Alguem me disse em tempo que elle tinha estado no seminario de Braga antes de ir para Coimbra formar-se em... direito; mas, a ser assim, é certo que

por mais que varresse com a batina os corredores do seminario, não conseguiu juntar um só punhado de instrucção sacerdotal.

Ora saiba, snr. Junqueiro, que a respeito de oradores sagrados, na sua mesma terra os tem como o bispo de Bethsaida, Ayres de Gouveia, uma eloquencia europeia e um talento brilhantissimo, como Alves Matheus, como Luiz Vianna, como Luiz Maria Ramos, como Eduardo Nunes, hoje arcebispo d'Evora, Alves Mendes, etc. Que facundia ainda parlamentar sobrepujou nunca em França a de Bossuet, Bourdaloue e Massillon ou sobrepuja, em tempos mais chegados a nós, a de Lacordaire, padres Jacintho, Felix, Didon, Marschall, Laprie, etc.? Passaglià, Ventura, Curci e Alimonda culminaram no pulpito italiano, e «il dolce paese che favellando canta» não tem no presente seculo eloquencia tribunicia que defrontar aquellas. Facil seria passar em revista as glorias oratorias de outras nações catholicas. Para ter razão tanto basta.

Saiba, snr. Junqueiro, que foi a esses anões e onagros que se tem devido uma grandissima parte das descobertas scientificas que a historia ha archivado e com que beneficiou a humanidade. A Guy d'Arezzo a simplificação da solmisação hoje adoptada; ao diacono Gioia o iman e a bussola; a Alberto o Grande,

dominicano, o zinco e o arsenico; ao Papa Sylvestre II o primeiro relogio de pendula; ao monge Rogerio Bacon o primeiro despertar da sciencia experimental e curiosissimas descobertas sobre a optica e a refracção da luz; ao dominicano Spina a invenção dos oculos (a minha vista lh'o agradece); ao monge Schwartz a polvora (que só devera ter servido para fazer rebentar pedreiras, e já seria utilissima); a Ricardo Walingfort, abbade inglez, a construcção do primeiro relogio astronomico; a Bazilio Valentino, benedictino, a primeira applicação feita na medicina das propriedades do antimonio; a Lucca de Borgo a algebra; ao bispo Ignacio Danti as variações das inclinações da ecliptica; ao monge Lucio Placido a applicação da algebra ás construcções geometricas; ao jesuita Kircher a construcção do primeiro espelho ardente e a formação do gabinete precioso de historia natural que ainda hoje se admira em Roma, sob o titulo de *Museum Kircherianum;* ao cardeal Regio Montano o systema metrico; ao conego Copernico e ao cardeal Cusa as primeiras e positivas noções do verdadeiro systema cosmologico, e ao ultimo a affirmação da mobilidade da terra que precedeu a grande e esplendida demonstração de Galileo; ao diacono portuguez Brotero a primeira tentativa scientifica d'uma flora

portugueza; ao padre Bartholomeu de Gusmão, paulista, a invenção do aerostato; ao padre l'Épée a invenção do alphabeto dos surdos-mudos que pela primeira vez os admittiu ao convivio social; ao padre Winckelmann, bem como aos sacerdotes romanos Lanzi, Angelo Mai, Mezzofante, os primeiros estudos de egyptologia que iniciaram Champollion nas suas gloriosas descobertas archeologicas; ao conego Hauy, prodigioso naturalista, a descoberta da crystallographia; ao padre Spallanzani o interessante descobrimento dos phenomenos de resurreição (ou quasi-resurreição) que se observam nos articulados chamados *rotiferos;* ao padre Magnan a invenção do microscopio antes de Huygens, e ao jesuita Secchi o spectroscopio.

Que tal, meu Guerra?! Se lhe parece incrivel isto, verifique nos seus lexicographos, no seu Bouillet, Feller ou Delaunay, que não seja senão para fazer diversão á litteratura de escandalo, que parece ser o seu estùdo predilecto. Meu Guerra sem perigo! Antes que a penna esfusie vertiginosa entre os dedos, hão de os olhos estanciar e corvejar longos annos sobre os livros, por medida de prudencia. Tome este conselho de quem não lhe quer mal *quand même.* A mais compromettedora das *ingenuidades* é a do escriptor publico. Os seus bonzos,

Junqueirinho, e os seus hyssopeiros não levaram todo o tempo a roncar latim, como acaba de vêr; demonstraram que farte, aos mais exigentes, que os anões podem supplantar os cyclopes d'um só olho na testa, e muito mais quando nem esse têm para enxergar a verdade, como alguem que nós ambos conhecemos. Fique isto entre a minha batina e o seu collete...

Ah! mas o mais engraçado é vociferar s. s.ª na mesma poesia que o clero não conseguirá nunca que a «Liberdade vista a batina». Por que causa morreram doze milhões de martyres catholicos, entre os quaes milhares e milhares de sacerdotes? Não foi pela liberdade de consciencia? Não foi Fénelon, consoante confessa o insuspeito Lamartine, o evangelista da liberdade moderna no seu immortal *Telemaco,* d'onde promanaram as fórmas moderadas e boas dos governos constitucionaes? Leia Junqueiro a biographia d'aquelle sabio e santo bispo de Cambray pelo auctor das *Harmonias,* e veja como elle o prova d'um modo esmagador. Uma voz liberrima, em tempo de arbitrariedades e servidões, sopeou por espaço de tres annos o favoritismo ignobil dos Medicis, propugnando, com o estampido d'uma eloquencia fulminante, pelos direitos do povo. Essa voz foi a d'um frade dominicano, a de

Savonarola. A apologia de Ockonell pelo padre Ventura é mais a esplendida apologia da liberdade que a d'um grande homem, ao passo que a *Introducção á Philosophia* do padre Gioberti é em grande parte a formula scientifica d'ella, sobretudo nas suas reflexões politicas. E não é, pergunto, o catholicismo o pilar granitico da escóla espiritualista que sustenta a theoria da liberdade contra o determinismo materialista e actualissimo que a nega, transportando a criminalidade toda para a demencia e deslocando para Rilhafolles a Penitenciaria? Responda. Eu mesmo, que faço aqui senão defender a liberdade do culto catholico contra a intolerancia e o fanatismo do odio anti-catholico de Junqueiro, esvurmando pela glandula puriforme da *Velhice?*

*

* *

Á porta já do poema, prestes a despedir-se do publico, o Voltairesinho reduzido teve uma visão estranha, que intitulou «Phantasmas». O objecto da visão era o pontificado ambicionando e conseguindo acorrentar ao seu imperio o universo inteiro para dominal-o com um sceptro de ferro, esgotando a taça de todas as ignominias, mas fulminado emfim

pela sagrada trilogia — a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade. Foi uma visão extravagante de todo o ponto a que teve o sonhador, um verdadeiro *ægri somnia.*

Viu o Papa entonado em «Jupiter», embuçado em um manto «da purpura mais fina» com escarros de lôdo obsceno (edição inedita da mythologia), pedindo que lhe trouxessem uma espada, que lhe trouxeram, mais um sceptro, que lhe trouxeram, mais o globo terraqueo, que lhe trouxeram e «lhe puzeram na mão». Fico, entre-parenthesis, um tanto mystificado para descobrir em que mão lhe poriam ao Pontifice o tal globo, quando já as duas estavam occupadas, uma com a espada, outra com o sceptro. No caso de Junqueiro, eu collocava-lh'o sobre a cabeça, já que estava disponivel. De facto, o Papa da visão esqueceu-se de pedir a corôa real. Era um Papa-Rei sem corôa. Porém, não interrompamos a visão. O poeta assiste a uma série de metamorphoses qual d'ellas mais cerebrina, que se realisam no successor de S. Pedro. A rã passa de gyrino a batrachio, o diptero é nympha por algum tempo até que se lhe formam e desprendem as azas e se resolve em mosca, a largarta immobilisa-se na chrysalida antes de romper o seu tumulo e de principiar o movimento vertiginoso e doido da borboleta, mas o Papa tem

soffrido muito mais transformações que todo o reino animal reunido. Na visão de Junqueiro tem sido «leão», «Jupiter tonante», «Deus», «satrapa», «chacal», «abutre», «lobo», «panthera», «salteador», «harpia»! Nem Budha tem tido tantas encarnações desde Çakiamuni até á de Krisna! Esbulhado successivamente da espada, do sceptro, do globo, de todo o poderio, arrastado para a fossa mortuaria pelo braço de Tiberio, que lhe appareceu, o Papa despenha-se e despenham-se ambos no abysmo dos precítos,

Indo dormir os dois na eterna mancebia
Da mesma podridão!

Já viram? E eu que na minha ignorancia supina o fazia vivo e bem vivo no Vaticano, envolvido na mesma pelle em que nasceu Joaquim Pecci, dormindo apenas seis horas por dia, publicando encyclicas-monumentos que são o assombro da imprensa, visitado pelos representantes de todos os estados da Europa e pondo em movimento todas as semanas, quando não é todos os dias, a Agenia Havas!

O pensamento da poesia «Phantasmas» é um, já o disse. O Papa, tyranno do mundo durante seculos, pulverisado afinal pela Revolução emancipadora. A coarctada não fica sem

réplica directa, mas antes d'isso quero tambem communicar a Junqueiro e ao publico uma visão que eu tive por minha vez.

Deus, que visão! Visão horrisona e tetrica como um campo de batalha, arregoado todo de sangue humano, cruzado por uma rêde immensa de metralha. Ainda sinto as crispações do terror.

Cahi uma tarde n'uma especie de hypnotismo e vi baixar á terra, cingido por uma nuvem de fogo, um genio sinistro, de olhos ferozes e de cuja cabeça ondeavam não cabellos mas serpentes. Semelhante á espada ignea que se desembaínha da entranha dos negrumes do firmamento para fulminar os homens e convulsionar a terra, desceu o genio á beira das grandes estradas, proseguiu por ellas e parou ás portas de vetusta cidade. Assentou-se e reuniu em torno de si os que passavam despreoccupados. De medonho e ameaçador, fizera-o Satan formoso como a tentação, attrahente como o bello, eloquente como a verdade. Contemplavam os habitantes da cidade preferida aquella formosura surprendente e sentiam-se magnetisados por ella. Meditava em silencio e os povos aguardavam que erguesse os olhos para lhe supplicar um olhar benevolo. Attendiam-n'o e esperavam ouvir o som da sua voz, como uma revelação do infinito.

E o genio fallou. Comprehendeu que o anhelavam milhões de corações e que era aquelle o momento opportuno para se manifestar ás turbas e enamoral-as loucamente.

E disse: «Eu sou a Revolução mas chamome a Liberdade; basta de grilhões, sêde livres.

«Trago-vos nos labios as palavras de Christo, Redemptor dos homens; d'ellas brotará o progresso, redemptor das sociedades.

«Sou a Fraternidade; basta de represalias, sêde meus irmãos.

«Sou a Igualdade; basta de privilegios e de classes sociaes, sêde o que eu sou.»

Como não haviam de calar no povo estas phrases de immensa magia! Como não veria elle n'ellas o porto da paz emergindo do oceano indomavel, depois d'uma tempestade de cinco mil annos!

Vertiginada por um enthusiasmo febril a multidão lançou-se nos braços do genio, conclamando a uma voz: «Somos teus! teus para a vida e para a morte!»

Porém o genio guardou bem guardado no peito a ultima palavra dos seus intuitos e o segredo da sua indole nefaria; a ninguem disse:

«Eu sou tambem o odio e a revolta, tanto posso salvar como perder: invade-me por vezes um accesso epileptico que se resolve em

sêde de sangue e de ruina, e não conheço então outro respeito que não seja o respeito do mal. Sou a fraternidade, mesmo... a ferro e fogo.»

O que todavia não disse, operou-o no coração das massas. Tão suave e insensivelmente como o soberano do velho Olympo se insinuou uma vez no seio de Danae sob a fórma d'uma chuva d'ouro, o genio da liberdade insinuou na alma dos habitantes da cidade vetusta o delirio do arrazamento. O echo seductor d'aquelle annuncio de emancipação retumbou nas paredes da Bastilha; abriram-se de par em par e saltou de lá uma turba ferina, de alvião em punho, aos gritos triumphantes de *Viva a Liberdade!* Reuniu-se a ella a plebe andrajosa, a classe sempre numerosa dos que aspiram a subir, e a classe ainda mais numerosa dos que já não podem descer mais.

Temulenta do vinho da revolução, toda essa turba entrou no templo onde dormiam as cinzas de seus avós e abateu a cruz que só por si exprime mais amor que mil genios de liberdade, arrazou o altar para arrazar a fé no coração dos crentes, deu de comer aos cavallos das carretas nos vasos do sacrario, ante o qual tinham ajoelhado dezoito gerações; foi aos monumentos para obliterar as inscripções que o patriotismo alli entalhára como um padrão sa-

grado, invadiu o domicilio inviolavel do cidadão e consagrou o principio da propriedade roubando desfaçadamente; foi á legislação e legalisou a desamortisação arbitraria dos bens dos particulares, feita pelo estado; foi á historia, dilacerou as paginas d'ouro que recordavam os factos do heroismo tradicional e derramou sobre ella os sorrisos do sarcasmo. Subiu aos pulpitos das igrejas convertidas em tribunas da choldra popular e bradou aos homens de bem: «Nós só vos devemos a exclusão!» Publicou pelo arauto da imprensa: «Um povo tem sempre o direito de reformar as suas leis, ainda as melhores!»

Depois eu vi-a avançar, avançar sempre, escalar a Assembléa Nacional, vociferando, a despulmonar-se, pela voz d'um dos seus oradores: «O povo só tem sangue, pois que o prodigalise! Vamos, miseraveis, dai o que tendes... Sabei-o, senhores, é por canhonadas que cumpre impôr a Constituição aos nossos inimigos... Chamam-me beberrão de sangue, que me importa?» E o *cêsto* fatal da guilhotina recebia por dia duzentas cabeças e mais, de desgraçados que, adversarios durante a vida, iam beijar-se no ignobil recipiente, empastado de sangue humano. E de quando em quando o pregão cynico do carrasco fazia-se ouvir como um gargalhar d'inferno: «Quem quer mais

uma cabeça por quinze soldos [1]?» Vi a turba indomita, delirante, immolar «mil e cem» prisioneiros pelo crime de não pensar como ella, e d'estes prisioneiros muitos eram uns enfermos que jaziam em hospitaes [2], prostrados no leito da miseria, sem poder oppôr a menor resistencia aos seus assassinos.

Um crime chama por outro. Os monstros foram aos gymneceus, tepidos do halito das criancinhas adormecidas, e violaram torpemente o anjo maternal que as guardava, ao passo que forçavam as mais encantadoras virgens da velha cidade á collisão horrivel de — «a deshonra ou a fome».

A mulher e o amor physico tornavam-se os reis da nova época, illuminada pelo fulvo clarão d'uma liberdade... tyrannica.

Devoravam-se a si mesmos, como outr'ora Saturno os proprios filhos, condemnavam-se reciprocamente á morte, e descuidosos da vida quasi tanto como dos gritos da consciencia, caminhavam para a guilhotina insaciavel «com a rosa na boca», emblema da rosa rubra do prazer em que se cevavam além do que podiam. Os voluptuosos só tinham uma devisa:

---

1 Assim foi apregoada a cabeça de Olympia de Gouges.
2 Em Bicêtre e na Salpetrière.

«Entreguemo'-nos á *natureza,* sem freio.» — «Infame! dizia um; tu conspiras contra a patria!» — «Eu! respondia o outro; impossivel!... Que queres tu que faça um homem que, noite por noite, se encarniça desesperadamente na volupia [1]?» Nunca o amor pareceu tanto como então o que elle é, o irmão da morte. Paris, está o leitor farto de o ter adivinhado, era o nome da cidade, cujas scenas desoladoras contemplei na minha visão. Ahi o grande edificio, chamado o Palacio Real, regorgitava de jogadores e de moças, que pelo dissoluto do trajo levavam a palma ás pobres larvas dos prostibulos. E ao lado do Palacio Real abriam-se os «bailes das victimas», onde a luxuria impudente rolava na orgia o seu falso luto.

Em seguida, eu vi o genio alado correndo d'um a outro continente, d'uma a outra nação para levar por toda a parte o mesmo verbo de seducção e vertigem e conflagrar os povos ao contacto da magica centelha da liberdade. O *homem de prêsa,* nascido na Corsega como um meteoro de mau agouro, como um astro de ruinas, vi-o abaixar o vôo de aguia sobre o sólo francez, e alli, já bem apercebido das garras formidaveis do Attila do seculo XIX, librar o

[1] Palavras de Danton.

vôo de novo, perlustrar a Europa e a Africa, alastrando, em nome da liberdade, o sólo d'esses dois continentes, de hecatombes humanas.

Incarnado nas instituições politicas, a Revolução tornou-se um segundo nome de despotismo. «Haja liberdade de pensamento, — gritou — haja liberdade de consciencia, de imprensa, de cultos, de associação»; e não córou de que cada uma d'estas palavras fôsse uma solemne mentira. Liberdade de associação!? Burla. Um punhado de homens que só pedem aos outros homens alguns metros de terra para se enfurnarem no agulheiro d'um claustro e viverem inoffensivamente na plena liberdade da sua consciencia, expiam o crime de não procederem e vestirem como os outros, sendo banidos para fóra da sua patria. Liberdade de cultos!? Burla. O pae já não é quasi livre de escolher para seu filho um ensino christão; o estado decreta o ensino atheu. Liberdade de cultos, que mata á fome os ministros da religião do estado em muitos paizes da Europa, que converte o templo de Christo no de Euterpe, que cospe sobre os restos mortaes d'um velho, só porque esse velho se chamava Pio IX e não deixou descer tranquillas as suas cinzas ao jazigo sepulchral; não será uma ironia amarga e atroz?... Liberdade de pensa-

mento, de imprensa? Sim, até á ostentação do materialismo, até á calumnia irresponsavel, até ao luxo do cynismo, até á pornographia hedionda do romance, até ao engulho da immundicie, até á *Velhice do Padre Eterno.*

E ebria do vinho capitoso que o genio satanico lhe despeja nas taças dos *meetings* e nos craneos das cryptas onde retine o malhete, a turba, cada vez mais sedenta de liberdade, surge dos subterraneos, bólsa do interior sinistro das casas como um exercito de Megeras, transborda pelas ruas e praças no borbotar volcanico da sua cólera insana, fremindo e chasquinando com os dentes onde se entreabre o sorriso luciferico do inferno: «Eu sou a Communa vermelha! A minha hora chegou!»

Por alguns dias nada lhe resiste. Em Belleville accende-se o brandão que vai transfigurar n'uma fornalha immensa a formosa capital, que tantas vezes tem sido o cerebro do mundo.

O Hotel de Ville abandona ao furor cego das linguas de fogo o mimo dos seus rendilhados e a cintura elegantissima dos seus coruchéos gothicos. O crystal das Tulherias estala com um fremito medonho sob as crepitações da labareda. Paris renova o quadro lancinante de Roma, victima um dia da demencia do filho de Agrippina. Tombam, feitas pedaços, as

columnas de bronze dos monumentos, bojam de repente as pedras das calçadas e saltam em morouço como sob a lava d'um Vesuvio, para formar muros á mão, por detraz dos quaes se abatem centenas de transeuntes. Um povo de irmãos, ao som *feerico* da sereia da Revolução, morde-se, despedaça-se a cutiladas, a tiros de espingarda e de revólver, no delirio da sua... fraternidade.

Não pude mais, recuei de horror a uma tal visão, cerrei os olhos e...

«Basta! — bradarás talvez tu, Guerra Junqueiro — Mas isso não é a liberdade nem a fraternidade, nunca o foi nem o será. Isso é a antithese, a negação da liberdade, a demencia furiosa da Revolução, o excesso censuravel d'uma coisa em si boa e santa. A liberdade que eu amo e abraço não é a que perde, senão a que salva; não é a que no seu tresvario se precipita por cima das liberdades alheias, mas a que as considera como o limite da sua propria; não é a que mata e incendeia, é sim a que emancipa os povos e os propelle, a panno cheio, dos lagos mortos onde jaziam estacionarios, para o vasto e esplendido oceano da civilisação; não é a de Danton, o sanguisedento, é a que proclama pelos labios eloquentes de Mirabeau, no momento do seu maior patriotismo e do seu mais puro amor da liberdade, a decla-

ração dos direitos sagrados do homem; a minha liberdade não vem do odio, não explode do petroleo, mas nasce, como o primeiro filho, d'um amor ardente, do amor da humanidade; é a luz immaculada que descerra a palpebra das sociedades estioladas pela servidão para as restituir ao sentimento augusto da sua dignidade!»

Optimamente, se assim pensas, meu diplomado. Tambem eu amo essa liberdade, verdadeiro genio do homem e das nações, nem a Igreja, minha mãe, a condemna. Como condemnal-a, se precisa d'ella como o pulmão de ar para respirar? Se este adoravel apanagio dos povos modernos foi conquistado com o sangue divino de Jesus, entre as dôres agudissimas da sua cruz e os derradeiros gemidos da sua agonia?

Ora, pois, o auctor da *Morte de D. João* reconhece que se póde abusar d'uma coisa boa e santa, que se tem aberrado muitas vezes dos elevados principios da liberdade, e em nome d'ella. Mas quem tem telhados de vidro...

Porque não applica esta mesma verdade ao pontificado? Para que é injusto por gosto? Para que leva a parcialidade até ao fanatismo e prefere «Phantasmas» a realidades? Ou, então, porque motivo não estuda a historia melhor para saber que a liberdade se tem trans-

viado immensamente mais do recto caminho que o papado?

Boa e excellente foi a instituição d'esse primado pontificio, centro da unidade da Igreja, creado formalmente pelo fundador do christianismo. Porém, sendo o Papa *um homem*, defectivel nos seus costumes e accessivel ás paixões como qualquer outro, fôra para admirar que não escutasse uma ou outra vez a voz perfida da ambição, da vingança, da sensualidade, do orgulho. Todavia, a pupilla de Junqueiro é de tal modo conformada que enxerga melhor um bico de gaz que o enorme rheophoro do sol.

Nos annaes gloriosos do muito que os pontifices fizeram pela liberdade e prosperidade social, só viu a pagina em que pareceram esquecer-se do caracter proeminente n'elles impresso. Teve a audacia de os acoimar de tyrannos e de usurpadores. Não attentou na differença profunda dos costumes da Idade-Média acareados com os actuaes. Olvidou, se o sabe, que os povos *queriam* e *reclamavam* então a arbitragem decisiva do Papa nas questões ou nas pendencias politicas dos estados. Propugnadores da liberdade chamarei eu aos successores de Pedro, e só reprovadores dos delirios d'aquella.

Pergunto: Não o foi Alexandre III collo-

cando-se á frente das cidades guelfas da Lombardia para salvar a independencia da Italia contra Frederico Barbarôxa? Não lhe vota a Historia o cognome de *propugnador da liberdade italiana?* Se o desbravamento das tribus selvagens é um feito de civilisação e um grande passo dado para a liberdade d'essas tribus, não merecerá menção honrosissima Gregorio o Grande enviando missionarios ao meio das populações incultas e Gregorio XV creando o insigne collegio *De propaganda fide?* Genuinos defensores da liberdade foram Pio II em 1482, Paulo III em 1537, Urbano VIII em 1639, Bento XIV em 1774, Pio VII e Gregorio XVI em nossos dias, pleiteando em favor dos pobres negros contra Bartholomeu de las Casas e condemnando e prohibindo o trafico de escravos sob qualquer pretexto. Não será digno do mesmo cognome dos Papas anteriores Pio VI, o unico soberano da Europa que protestou contra a iniqua partilha da Polonia, formulada pela czarina de todas as Russias, que riscava esse povo infeliz do quadro das nações? Não fez outro tanto Pio IX, increpando com a mais louvavel isenção a Nicolau I e a Alexandre II o despotismo barbaro das suas medidas contra aquelle povo martyr? Não foi este ultimo Papa a victima, na pessoa do seu ministro e amigo Rossi, das liberdades modernas que in-

troduziu nos seus estados pontificios? Quer-se um espirito mais franco e nobremente liberal que o de Leão XIII? Nada concede do que deve recusar e nada exclue do que póde admittir.

«São ambiciosos os Papas», rumina o velho da *Velhice*. E foi ambição o desprendimento de Innocencio III vendendo toda a sua baixella a bem dos pobres? Foi ambição a abnegação de Clemente XII engeitando pertinazmente a republica de S. Marino que lhe era dada pelo povo e que o proprio cardeal Alberoni lhe rogava aceitasse? Não é sabido que a Corsega outr'ora, sacudindo o jugo da republica de Genova á qual pertencia, enviou uma deputação ao mesmo Clemente XII para se apoderar da ilha, que o queria reconhecer por soberano, e não é igualmente sabido que o Papa, em vez de ceder a este convite tentador, se limitou a uma simples mediação entre a Corsega e Genova? Pujantes exemplos que não seriam, certo, imitados na nossa época utilitaria pelas diversas potencias europeias, ainda quando todos os seus principes formassem uma só dynastia e essa dynastia se chamasse — dynastia-Junqueiro.

Se os pontifices têm pugnado por esse farrapo de territorio que se chama o «Patrimonio de S. Pedro» é porque, segundo o testemunho insuspeito de Villemain, Buonaparte, Cousin,

Thiers, Guizot e sobretudo da experiencia, esse exiguo territorio, que tem em favor do seu antigo dominio uma doação imperial e uma prescripção de nove seculos, era de summa proficuidade á independencia espiritual do jerarcha do catholicismo.

«Abusos nada provam porque, apesar de todas as perturbações e escandalos, houve sempre na Igreja romana mais decencia e gravidade do que em qualquer estado. Conhece-se bem que a Igreja, *quando estava livre* e bem governada, era feita para dar lições aos governos. E, na opinião dos povos, um bispo de Roma era alguma coisa de mais santo do que qualquer outro bispo.» Ora quer saber de quem são estas palavras? São do seu Voltaire, snr. Junqueiro (*Ensaio,* tom. III, cap. 121).

O moscardo do Parnaso ora dardeja os dogmas e as doutrinas do catholicismo, ora as crenças piedosas e as praticas devotas dos fieis. Nem sempre, portanto, o objectivo é o mesmo. A importancia da puncção d'estas é menor. De analyse basta. Pelo exposto se julgue do resto. Repugna-me revolver mais escorias, sendo aliás certo que não me responsabiliso por todas as praxes, por todas as pias crenças do christianismo, ou antes de muitos christãos, por isso que até algumas d'ellas reprovo altamente. Nem mesmo me responsabi-

lisaria pela perfeita authenticidade do facto de Lourdes, que tem attrahido á gruta de Massabièle não milhares senão milhões de crentes, entre os quaes a *élite* do episcopado da França e do mundo. *Não me pronuncio* a tal respeito, embora creia firmemente no sobrenatural, o que já é ser soffrivelmente idiota para os adoradores do acaso intelligente e da materia — pelotiqueira — que, á força de fazer e quebrar fôrmas, galgou do silicato á cellula cerebral que «segrega» as idéas e os systemas, as grandes epopeias e as interpretações assombrosas das leis cosmicas...

Limitar-me-hei a dizer a Junqueiro que ha *muito mais credulidade* n'elle em dar ouvidos ás rubicundas parvoiçadas que se inventam a respeito de Lourdes do que nos crentes que recorrem a essa agua sobre a qual não repugna um instante que Deus tenha feito descer uma benção de vida.

Como os espiritos se contradizem! Guerra da *Velhice* cascalha uma risada pantagruelica sobre o facto de Lourdes; Camillo Castello Branco sentiu-se fascinado pela leitura do soberbo livro de Henrique Lasserre, que narra esse facto com a clava de Hercules d'um criterio solidissimo, e em uma das cartas da sua *Correspondencia com Vieira de Castro* dizia-lhe: «Lê, lê esse livro consolador. Eu só pude

depôl-o quando cheguei ao fim.» Não faça de mim nenhum Jocrisse de antiga feira de saltimbancos, snr. Junqueiro; o que recusa crêr nos prodigios de Lourdes (que nada têm de commum com as sordidas especulações de que elles hão sido occasião) não é tanto aquelle que os não julga simplesmente assás authenticos (e esse está no seu direito), mas o que em principio não crê no sobrenatural, nem sinceramente na existencia de Deus. O que crê em Deus e *não lhe dá licença* de alterar n'um caso particular, transitorio e a bem do «principe herdeiro da creação» as leis geraes cujo curso geral nunca se suspende, dizia Rousseau — o Rousseau do *Vicaire Savoyard* — que se lhe devia «pôr uma camisa de forças e ferrar com elle em Charenton», como a doido varrido.

*
* *

Não bulirei pois mais com o auctor da *Velhice do Padre Eterno.* Deixo-o atrefegado com a faina da sua vocação decidida para compositor de «Ladainhas» e de droguista de artigos de salvação eterna. Tudo julgaria eu que era Junqueiro, menos liturgista. Para que lhe havia de dar! O que affirmo é que me enganei a bom enganar quando pensei que elle não ora-

va. Hoje penso bem diversamente. Elle ora, com certeza, e estas quadras da sua «Ladainha moderna»:

> Santo Cynismo — chapa-nos nas faces
> Santo Cynismo — um tal estanho emfim,
> Santo Cynismo — que tu mesmo embaces
> Santo Cynismo — ao vêr cynismo assim.
> . . . .
> S. Venha-a-nós — realisa este desejo,
> S. Venha-a-nós — ingenuo e timorato:
> S. Venha-a-nós — faz do universo um queijo,
> S. Venha-a-nós — e faz de nós um rato!

Estas quadras, digo, foram uma oração fervente que Junqueiro fez por si proprio. Os dois *santos* ouviram-n'o. Não se dá maior cynismo que o da *Velhice,* nem ha um «venha-a-nós» mais lucrativo que o do cavalheiro de industria que nos leva bom ouro de lei por mercadoria tão avariada.

*
* *

Resumamos. O que de tudo quanto levamos dito se deduz é que o Mephistopheles de Vianna do Castello desfitou o alvo, malbaratou o tempo, errou o tiro, poetou *ad usum delphini* e... acabou-se. Solemne banca-rôta! Fiasco

virgem nos annaes da metrificação portugueza! Não aluiu, não apeou, não matou coisa nenhuma. Apesar do seu punhado de farinha de heroe carnavalesco não conseguiu acrescentar um cabello branco ás cans do Padre Eterno. Deus continúa a ser o «Antigo dos dias» da pittoresca linguagem biblica, sempre antigo e sempre novo como o que é eterno, sorrindo-se de compaixão dos que pretendem projectar sobre elle o compasso d'uma intelligencia incapaz de medir a linha ideal povoada pela selva luminosa dos astros. O christianismo puro, genuino, verdadeiramente catholico, singra magestoso e pujante por sobre o oceano do tempo, impedindo-o de corromper-se de todo e offerecendo o flanco á espuma impotente da vaga que o espadana e lhe não tolhe a marcha. Na cerração mais e mais densa que se faz no horisonte moral das sociedades sem Deus que se morrem a rir e a clamar por nada, é essa luz indefectivel do christianismo que scintilla na treva, onde se consummam em paz as decomposições verminosas do crime, como o fanal que descerra o porto e a cuja altura não chega a conspiração formidavel do erro.

O que na realidade envelheceu foi a musa de Guerra Junqueiro. Mette dó vêl-a. Mirrada por uma consumpção subita, affectada d'um amollecimento da espinha que se revela por

uma tremura constante, arqueada como a lamina da espada que o duellista experimenta entre o guarda-mão e o sólo, mais calva que um joelho, affectada de demencia senil, apenas coberta com o manto espipado que outr'ora pertenceu a Diogenes, ennovellada a um canto do seu albergue, entretem-se a fazer bonecos de retalhos e a baptisal-os de deuses. Outras vezes imagina estar a *mascatear* n'uma feira e põe-se a apregoar: «Quem quer comprar «olhos do Destino», agua de Lourdes «para callos e almorreimas»!

Espectaculo pungente! Desviemos os olhos e passemos de vez...

Nada é mais bello que Deus, e depois de Deus nada é mais bello que uma alma, e depois d'uma alma nada é mais bello que o pensamento, e depois do pensamento nada é mais bello que a *palavra*. Degradal-a enlodando-a é ainda mais feio do que cobrir de tatuagens o rosto humano, onde sobranceia a dignidade, quando d'elle a não expulsou a depravação. Pelos trinta dinheiros do editor, Guerra Junqueiro vendeu a lyra, trahiu a verdade infamando o nome. Desgraçado! «Improperou o que ignora»! Sim, o que ignora, segundo a phrase do epistolographo sagrado.

Se elle conhecesse o dom de Deus!... Se uma só vez tivesse reclinado em espirito a

fronte calcinada pelo vicio sobre o coração do Salvadar e ouvido de seus labios dulcissimos e divinos uma palavra de vida!... Se tivesse ido encher o seu cantaro a esta nascente que jorra da indefectivel verdade, que não ás pobres cisternas do erro, como a Samaritana, cahir-lhe-hiam as escamas dos olhos e no paroxismo da sua indignação arrojaria ás chammas esse livro amassado de lama e de fel. Mas estas reflexões, unicas profundas de todo o meu escripto, resvalarão muito provavelmente sobre sua alma, sem n'ella deixarem um sulco de luz!

SOLEMNIA VERBA

Chegado ao termo derradeiro d'este livro de critica, não esqueço nem posso esquecer que sou christão e que sou padre. A attitude em que me colloquei por algum tempo foi uma attitude violenta, não a que me é natural. Assim o reclamava o desforço que não só era licito mas até de dever, ao escriptor catholico que sempre, e mais hoje, veste couraça e empunha a espada da palavra. A minha espada é a penna de polemista, que só a morte me arrancará da mão. Mas o polemista

não sacrificou nem sacrificará nunca em mim o ministro d'uma religião de amor.

Se na explosão do justo resentimento que me causou o longo sarcasmo da *Velhice do Padre Eterno* eu nem sempre dosei a acrimonia do vocabulo ou da phrase, é certo que o meu coração não abriga contra o diffamador uma só particula de odio. Será talvez em mim uma fraqueza; eu nunca pude odiar ninguem, mesmo abstrahindo do preceito que o meu Divino Mestre me impõe. As cóleras da minha dignidade offendida e solidaria esbravejam no papel e, como á superficie, o fundo está tão tranquillo e é tão inaccessivel ao sôpro abrazado da malquerença como a vasa dos lagos profundos. Quando em Deus ha muito mais dó do que outro sentimento para com o auctor transviado da *Velhice*, terei eu o direito de sentir d'outro modo? As farpas que, constrangido, arrojei ao snr. Guerra Junqueiro n'este campo aberto da polemica, não lhe procuravam o coração, não pretenderam fazel-o cahir resupino e cadaver na sua estrada de ignominia. Não levavam curaré na ponta. Só visavam a penetrar até á sua consciencia de homem e de escriptor para, se é possivel, lhe fazer sentir vivamente o mal que fez e o descredito que, por desventura, acarretou sobre sua pessoa. Quanto ao mais, expressão minha que não fosse idonea a pro-

duzir este effeito salubre e que, passando além, lhe vulnerasse a dignidade nos seus justos direitos, eu a risco e d'ella lhe peço desculpa. Não é Tartufo que isto escreve, odiosissimo symbolo e odiosissima entidade para o meu caracter, mas o homem franco, leal que sempre fui até á imprudencia.

Poeta de mortes e de esphacelos, porque não quererás tu antes ser um poeta de vida e de resurreição? Guerra Junqueiro, meu illustre compatriota, dize-me, porque te apraz mais o negrume do sepulchro onde o arcabouço apodrece, o ambiente sinistro do bordel onde a honra da mulher traja luto, o banco desbeiçado da tasca que vende a hilaridade boçal aos litros, do que o anil do firmamento onde, ás noites, despontam como flôres de luz as constellações estellares? ou porque não te inspira de preferencia o flammante scenario da natureza terrestre, que já por si é um poema, e o espectaculo surprendente e unico no evolver dos tempos, da sociedade moderna, não nas suas quedas terriveis, mas nas suas luctas titanicas e nos triumphos de civilisação, de paz, de amor, de confraternisação universal e de sciencia por ella realisados?

Pateei com phrenesi as aberrações do teu talento subjugado por um fanatismo cego e obcecador (os fanatismos são sempre maus). Que-

reria antes palmear com enthusiasmo as tuas fulgurações poeticas. Sê tu mesmo, não o que te fizeram uma sociedade sem fé nem costumes, uma sciencia sem principios absolutos, uma litteratura sem decóro nem bom senso. Rompe com a amizade de Richepin. Por Deus ou por ti mesmo! não te causem ciume as convulsões epilepticas d'esse poeta infernal, que é a propria Medusa trajada de homem.

Amigo e não já adversario! Restitue-me a pureza ao teu estro prostituido; levanta do muladar a esmeralda translucida que a mão dadivosa de Deus deixou cahir na tua mão. Anteu! Toca a terra firme e recobrarás a inspiração do vate digno d'este nome. Ha tanta e tanta melodia na tua harpa quando resôa através das suas cordas o echo eterno do que é verdadeiro e bello, do que é justo e bom!

Basta por uma vez de estorcegar entre as mãos do rimador subornado esse teu coração, esfaimado de ideal mas violentado a curvar-se para a terra como a chamma altiva da queimada do deserto debaixo da lufada indomita do pampeiro.

Basta de «sarcasmos». Principia, mas principia como christão o teu «hymno de esperança e de harmonia». São tuas essas palavras. Canta o Christo. O teu alaúde nunca vibrará uma nota tão alta e tão musical, que

não é Elle unicamente o sacrario mais precioso da virtude, mas o astro indefectivel para onde convergem ha dezenove seculos e já agora convergirão sempre os raios do bello moral e artistico.

Mas não o esqueças; cantal-o não é blasphemal-o: Elle só tem uma historia, o Evangelho — uma só lei, o puro amor — um só asylo na terra, a Igreja.